

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

NÚCLEO DE FAMÍLIA E COMUNIDADE

Isamara Duarte Tavares Boregas

**Adolescência e família hoje: desafios, influências e
possibilidades.**

São Paulo

2021

ISAMARA DUARTE TAVARES BOREGAS

Adolescência e família hoje: desafios, influências e possibilidades.

Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção de título de especialista em Psicoterapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP sob a orientação do Prof. Dr. João Laurentino dos Santos.

São Paulo

2021

Dedico este trabalho aos adolescentes que já passaram em minha vida e são memórias adoráveis; aos que estão na minha vida, me impulsionando a trabalhar por/com eles e aos que ainda virão...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me guiar por lugares de grandes oportunidades de aprendizado, crescimento e renovação, na convivência de pessoas que vão compondo minha teia de apoio, afeto e incentivo.

Em especial, agradeço ao meu marido, Fernando Augusto Ferrarin Boregas, parceiro das lutas diárias, fonte de confiança e apoio. Na construção deste trabalho, cuidou de tudo que foi possível para que me sobrasse tempo e energia.

À minha pequena e tão amada filha Giovanna Tavares Boregas, que me presenteia com sua alegria revigorante e, apesar de seus apenas 4 anos, foi compreensiva com minhas faltas, em especial aos sábados e domingos, que são nossos sagrados dias de família. Obrigada pelos deliciosos lanchinhos de massinhas e pelos beijos rápidos enquanto eu me dedicava a este trabalho.

Ao meu orientador João Laurentino do Santos, pelo aprendizado, apoio, direcionamento e incentivo. Por ser resposta de prontidão quando necessário, tornando viável a realização deste trabalho em tempo.

Agradeço às minhas colegas de curso, que posso chamar de amigas, pela ajuda, pela motivação, pela descontração e pelo modelo de mulheres fortes e competentes.

Às queridas e admiradas professoras do curso de especialização em Terapia Familiar e de Casal da PUC- SP, pelo grande aprendizado. Em especial à Cláudia Bruscagin e à Teresinha Rocha de Macedo, pela prestatividade e genuíno desejo de ajudar.

À Rosa Maria Vicente, psicóloga que me acompanhou em grande parte do tempo que me dediquei a este trabalho, obrigada por me ajudar a retomar minhas forças quando elas estavam esquecidas.

Ao meu irmão, Yves Duarte Tavares, apoio e companhia gostosa nas manhãs de domingo na casa de nossa mãe, com seus livros e conversas picadas, enquanto eu trabalhava nesta pesquisa.

À minha sogra, Maria Helena Ferrarin Boregas, exemplo de força, sua participação na rede apoio com os cuidados com a Giovanna foram fundamentais neste período.

Agradeço também à minha mãe, Maria de Lourdes Duarte Tavares, pelos cuidados e carinho comigo.

E, por último, mas não menos importante, os adolescentes que, carinhosamente e com muita prestatividade, conversaram comigo tornando este trabalho rico em vivências reais.

RESUMO

A adolescência é considerada por muitos teóricos como um processo de construção social na qual o indivíduo se desenvolve através da interação com o meio. Neste processo, influencia e é influenciado por diferentes e múltiplos fatores. As transformações biológicas e sociais que ocorrem nesta fase são significadas de diferentes formas por diferentes adolescentes em suas diferentes famílias. Elas têm um papel fundamental neste processo de desenvolvimento, em que ao mesmo tempo é afetada pelas modificações culturais e sociais da contemporaneidade, sendo impactada nos valores, formas de ser, viver e conviver. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa realizada com 06 adolescentes de 14 a 18 anos, de nível social econômico médio/alto, residentes numa cidade do interior, localizada na região Oeste do Estado de São Paulo. Fundamentada numa epistemologia sistêmica novo paradigmática de cunho construcionista social, foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro com perguntas semiestruturadas em que se buscou analisar, a partir da visão dos adolescentes, os fatores relacionados ao papel da família nesta fase: Saber quais são suas concepções sobre família e o sentimento por eles experimentados em relação a ela; Compreender como eles percebem as vivências dos relacionamentos familiares no dia a dia e entender a visão deles sobre quais são os desafios dos pais para com eles, bem como os aspectos facilitadores e dificultadores do convívio familiar nesta fase da vida no contexto da pós-modernidade. Observou-se uma multiplicidade de significados construídos por eles sobre suas experiências de ser adolescentes na família hoje. No entanto, destacou-se família como apoio e fonte de afeto; a percepção de expectativas dos pais para com eles no sentido de direcioná-los para serem felizes e bem-sucedidos na vida e o entendimento de que determinados aspectos da contemporaneidade influenciam suas vivências em família, tais como aqueles relacionados às tecnologias.

Palavras chaves: família e adolescência, contemporaneidade, significado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos	11
CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA	11
Visão sócio-histórica da família	11
Família e ciclo vital	14
PÓS MODERNIDADE E OS IMPACTOS NA FAMÍLIA	17
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE	20
MÉTODO	24
Participantes	25
Recrutamento	26
Instrumentos	26
Procedimento	26
ANÁLISE DOS DADOS	27
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
ANEXO I	53
ANEXO II	55
ANEXO III	57

1 – Introdução

Durante a graduação em psicologia, quando comecei os atendimentos clínicos (2008), fui envolvida pelo trabalho com crianças e adolescentes e este envolvimento foi muito gratificante para mim o que me fez continuar o trabalho depois de formada.

As crianças me motivam a trabalhar em prol delas, em defesa da sua vulnerabilidade, mas os adolescentes me despertam para muitos questionamentos como: “De onde vem tanta intensidade?”, “Por que eles se importam tanto com a opinião das pessoas sobre eles?” “Por que eles têm tanta dificuldade para descrever seus interesses, suas habilidades?” “Por que costumam ter tantos conflitos com a família, em especial com os pais?” Encontrar as respostas para estes questionamentos, percebo ao escolher a adolescência como tema desta pesquisa 13 anos depois de formada, não saciaram minha genuína curiosidade e interesse por responder outras perguntas que surgem através da interação com eles.

Atualmente minha maior interação com adolescentes envolve a prática clínica psicológica e o ambiente escolar onde realizo anualmente, desde 2012, orientação profissional para alunos dos terceiros e segundos anos do Ensino Médio de um Colégio particular em Jundiaí-SP.

Neste tempo respondi a muitos questionamentos que foram surgindo e no meu olhar para o adolescente e a adolescência usava especialmente as lentes da abordagem Cognitivo Comportamental e da Neuropsicologia.

Essas lentes me proporcionavam uma visão compatível com a de Niederauer (2014) de que o encéfalo em constantes mudanças, como o do adolescente, é responsável pelas transformações físicas, cognitivas e psicossociais e, portanto, pela sua forma de agir e pensar sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

Nas minhas buscas por respostas sobre a adolescência fui entendendo que tornar-se consciente de si, do outro e do mundo a sua volta leva o adolescente a querer e buscar seu espaço, sua autonomia; o leva a questionar-se no sentido de entender quem ele é, como ele é, como o outro o vê, o que ele gosta. Mas as mudanças são tão rápidas que até o gostar e outras opiniões se transformam rapidamente. Todas essas mudanças e questionamentos deflagram alguns conflitos próprios da fase, como indecisão, instabilidade emocional, autoestima frágil, impulsividade, questionamento de regras

anteriormente interiorizadas e outros.

Eu considerava também como descreveu Silva *et. al.* (2019) que é nesta fase que acontece a individualização e a construção da identidade própria, entendendo que os aspectos históricos e socioculturais fazem com que este momento seja vivido, apesar das semelhanças, de formas diferentes por diferentes adolescentes. Entendia que a minha vivência como adolescente, numa pequena cidade do interior de Minas Gerais, em meado dos anos 90 e início dos anos 2000, foi bem diferente da vivência da maioria dos adolescentes que tenho a oportunidade de acompanhar (moradores da cidade de Jundiáí-SP).

Eu ainda vejo os adolescentes e a adolescência desta forma, mas com a lente da perspectiva sistêmica sobreposta as anteriores e sinto como se eu estivesse usando um telescópio de última geração para observar o espaço, porque agora eu consigo ver melhor como o processo de “adolescer” é influenciado e ao mesmo tempo influencia, suas relações interpessoais e seus diferentes significados construídos e o contexto que vivencia. Reconheço a complexidade desta fase, entendendo que não é possível apontar causas simples que justifiquem um comportamento ou uma forma de pensar, buscando a totalidade e não a soma das partes, e aceitando a impossibilidade de se criar verdades absolutas para esta fase da vida.

Minhas observações através da lente Sistêmica têm ampliados meu olhar sobre a influência dos contextos e das interrelações na vivência adolescente, e que me leva a refletir sobre a família que, como descreve Lino (2009), tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente. Sim, é inegável a importância da família na educação, nos cuidados, na transmissão de valores e na proteção de seus filhos pequenos e adolescentes. Mas qual a concepção dos adolescentes sobre família e como eles se sentem em relação a ela? Acredito, agora, que não exista uma concepção única e sim múltiplas concepções e significações que gostaria de conhecer.

Reflico também sobre a contemporaneidade que, segundo Lino (2009), com suas drásticas mudanças nos valores, formas de ser, viver e conviver, traz, no geral, relacionamentos mais frágeis e passageiros e desafios para as relações familiares.

Esses desafios são percebidos por mim na prática clínica com adolescentes e seus familiares. Percebo a dificuldade dos pais em apoiar seus filhos que estão vivenciando os conflitos adolescentes e suas dificuldades em encontrar um ponto de equilíbrio entre o

que consideram correto para os filhos e o que esperam deles e o que de fato os filhos precisam e me questiono: como os adolescentes percebem estes desafios? Quais na opinião deles são os maiores desafios que os pais enfrentam na sua educação?

Também tenho observado como as mudanças de valores e a presença cada vez maior da tecnologia no dia a dia das pessoas, que são aspectos advindos com a contemporaneidade, tem trazido impactos no viver e conviver adolescente. Muitas horas nas redes sociais (que são inúmeras e esse número não para de crescer) e em jogos (seja no vídeo game ou em outros dispositivos tecnológicos), uma supervalorização dos influenciadores digitais no sentido de serem eles quem ditam as tendências comportamentais e até mesmo de valores... Como estas mudanças influenciam na vivência dos adolescentes em família?

Entendo que a problemática em torno da adolescência e família, apesar de ser estudado há bastante tempo, é de grande relevância, especialmente quando se considera a contemporaneidade, que traz desafios novos às famílias e aos adolescentes, podendo este estudo contribuir com estudantes e profissionais da área da psicologia e outras áreas das ciências humanas, assim como para famílias e adolescentes, ampliando o conhecimento a respeito do tema.

Pretendo, portanto, com esta pesquisa, analisar a partir da visão dos adolescentes os fatores relacionados ao papel da família nesta fase, os desafios por ela e por eles enfrentados, a influência do contexto atual na vivência adolescente e como isso reflete nas relações familiares.

OBJETIVOS

- **Gerais**

Analisar, a partir da visão dos adolescentes, os fatores relacionados ao papel da família nesta fase, aos principais desafios por ela enfrentados na sua educação, quais as expectativas os pais têm para eles nesta fase e como eles se sentem em relação à família que pertencem. Analisar também como a influência do mundo atual na vivência adolescente reflete nas relações familiares.

- **Específicos**

1. Saber qual é a concepção dos adolescentes sobre família e o sentimento por eles experimentados em relação a ela;
2. Compreender como eles percebem as vivências dos relacionamentos familiares no dia a dia;
3. Entender, a partir da visão dos adolescentes, quais são os desafios dos pais para com eles, bem como os aspectos facilitadores e dificultadores do convívio familiar nesta fase da vida.
4. Analisar como ser adolescente na pós-modernidade impacta nas relações familiares.

2 - Considerações sobre família

2.1– Visão sócio-histórica da família

A família em sua constituição, forma de viver e conviver e na forma de significar suas relações foi se transformando no decorrer da história da sociedade humana.

Na Idade Média quando nossos povos ainda eram nômades, as pessoas se uniam com intuito de sobrevivência e quanto mais pessoas estivessem juntas neste objetivo, maiores eram suas possibilidades. Com o assentamento territorial das tribos nômades foram se constituindo famílias organizadas por clãs e pela linhagem, unidas por laços de honra e lealdade ao rei e influenciada pelas práticas religiosas. Os casamentos tinham os objetivos de formar e fortalecer aliança política e manutenção de patrimônio (GALANO, 2006).

Ponciano e Ferés-Carneiro (2003), apresentam um panorama histórico da família ocidental que culminou no modelo nuclear de família conhecida na atualidade. As autoras narram esta passagem do modelo de família comunitária, baseado na linhagem para o modelo em que o pai tinha o poder e direito sobre os filhos e esposa, assim como o dever de protegê-los.

Roudinesco (2003) aponta que esta família chamada de “tradicional” – do século XVI ao XVII – era marcada pela autoridade patriarcal, com função de transmissão de patrimônio, os casamentos eram arranjados pelos pais, não levando em consideração a vida afetiva e sexual dos noivos. Neste modelo de família as crianças não eram

reconhecidas em sua individualidade e vontades, mas sim tinham o papel de contribuir com as tarefas econômicas da família (GIDDENS, 2007).

No final do século XVIII e meados do século XIX, observa-se a família “moderna”, com casamentos baseados na reciprocidade afetiva, com a valorização do amor romântico, e sexual (ROUDINESCO, 2003). A família passa a priorizar a privacidade e a intimidade do lar composto de pais e filhos, e a saúde e educação destes filhos (ARIÈS, 1986).

Com as transformações advindas com a Revolução Industrial, quando a mulher sai do seu lugar exclusivamente doméstico e passa a fazer parte da produção, colaborando com o provimento do lar (VASCONCELLOS, 2014), a consequente ascensão da burguesia e das ideias iluministas de liberdade e igualdade, se constituíram novas formas de família e representação de sua vivência (TORRES, 2010).

Foi Talcott Parsons, em seus discursos sobre a família americana dos anos 50-60, que intitulou a família como uma unidade de personalidade e relação, focada na relação com os filhos e na socialização das crianças (HITA, 2005), e não mais sua função de produção econômica e de participação política (BRUSCHINI, 1989). Parsons defende a complementaridade entre os papéis de gênero, sendo atribuído às mulheres os cuidados familiares e ao homem o papel de provedor, para o equilíbrio do casamento (TORRES, 2010).

Torres (2010) fala sobre a visão de Émile Durkheim sobre a família moderna destacando três principais ideias: a primeira diz sobre a centralidade do casamento, com a passagem da família patriarcal para a família conjugal moderna do final do século XIX e XX onde através do casamento se origina a família, não sendo este arranjado para seus descendentes, ressaltando a independência dos filhos em relação aos seus pais. A segunda ideia está relacionada à transição da valorização dos bens materiais para a valorização do indivíduo, suas vontades e sentimentos, e a terceira refere-se ao poder do Estado na normatização (direitos e deveres) do casamento e filiação.

Nos anos 50 com maiores oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho, as coloca com menos dependência frente ao casamento (TORRES, 2010). O divórcio passa a ser algo possível economicamente para as mulheres, já que nos Estados Unidos nessa época as mulheres casadas representavam a maioria das mulheres empregadas (BLOOD e WOLFE, 1960: 3 *apud* TORRES, 2010 p. 67).

Segundo Roudinesco (2003), é a partir do anos 60 que vão se configurando as

famílias contemporâneas, formadas na busca da realização da intimidade afetiva e sexual, com uma reformulação dos papéis de gênero, especialmente propiciado pelos movimentos feministas – que lutavam em favor da igualdade de direitos para os homens e mulheres. O advento da pílula anticoncepcional concede maior liberdade sexual para as mulheres e mais espaço para elas no mercado de trabalho.

Sanda (2007) relata algumas mudanças do início do século XX:

As mulheres eram cada vez mais incitadas a exigirem direitos até então exclusivos dos homens como o voto e a educação; os jovens transformaram-se num público consumidor; e os pais foram instados a satisfazer todos os desejos de seus filhos. Esta última tarefa sendo impossível, serviu para minar a confiança dos pais em serem capazes de proverem a felicidade de seus rebentos, fazendo com que apelassem cada vez mais para as novas descobertas da tecnologia moderna, pois, aparentemente só ela poderia proporcionar à criança em crescimento alimentação adequada, cuidados médicos apropriados e habilidades sociais necessárias para atuar no mundo moderno (SANDA, 2007 p.22).

O autor resume que as principais características da família contemporânea são a *juvenilização de seus membros, a liberalização de seus costumes, a perda da autoridade paterna, o fortalecimento da autoridade materna e os relacionamentos virtuais* (SANDA, 2007 p.28) e aponta que o casamento contemporâneo é baseado no amor que varia com o tempo, fazendo com que os casais fiquem juntos pelo tempo em que sentirem-se satisfeitos, observando uma primazia do “eu” em detrimento do “nós”.

Desta forma, pode-se notar que são muitos os fatores advindos da transição da modernidade para a pós-modernidade, contribuindo para as novas estruturas e dinâmicas familiares, diferenciando daquela que foi, por muito tempo, a única estrutura aceitável – família nuclear, como: *“diminuição do número médio de filhos, diminuição da fecundidade, aumento do número de pessoas só, diminuição das famílias numerosas, aumento das famílias recompostas, em virtude do aumento do número de divórcios, aumento das uniões de fato e uniões livres, e, mais recentemente o aparecimento das famílias homossexuais”* (DIAS, 2011), e, é também comum na atualidade, as famílias transexuais; as famílias monoparentais, compostas de um genitor e os filhos e a família unilinear, que é formada pela genitora e filhos originários de técnicas de reprodução assistida (MALUF, 2010).

Com relação às famílias homossexuais, é somente no final do século XX quando

a ciência deixa de considerar a homossexualidade como uma doença, que se começa a aceitar estas famílias, e passa-se a conceber família “*como sendo um conjunto de indivíduos unidos por laços de afetos*”, sendo esta e muitas outras constituições familiares reconhecidas e amparadas legalmente (VASCONCELLOS, 2014 p. 20).

Cervený e Berthoud (2009) ao falar das famílias brasileiras da contemporaneidade, dizem que não existe uma nova versão desta família, pois ela sempre foi um sistema em constante reorganização e reinvenção de valores e comportamentos, uma “família mutante”, com grande capacidade de adaptação, mantendo sua função biológica de garantir a proteção e o cuidado das novas gerações e sua função social de transmissão de padrões e normas da cultura (CERVENÝ e BERTHOUD, 2009 p. 28).

2.2– Família e Ciclo Vital

Mc Goldrick e Shibusawa (2016) falam sobre a importância de observar as famílias através da perspectiva do Ciclo Vital, pois ela possibilita contextualizar histórico e culturalmente o desenvolvimento da família e de seus membros, reconhecendo estágios vitais previsíveis que incluem dificuldades e riscos e com isso, fazer algumas prevenções.

As autoras entendem que as transições nos estágios do ciclo vital trazem consigo estressores previsíveis para a família e familiares como, por exemplo, a mudança do casal para a parentalidade que envolve, entre outras coisas, que os cônjuges assumam o papel de cuidadores e façam os ajustes necessários para receber e educar um filho. Mas reconhecem também dois outros estressores possíveis que influenciam no ciclo vital, os relacionados ao contexto sociocultural, como exemplo a pobreza, o racismo ou outros tipos de preconceitos e os imprevisíveis, como a morte precoce de um membro, desemprego, divórcio entre outros.

Dias (2011) fala da necessidade de adaptação dos membros familiares – de diferentes gerações, que interagem e se influenciam – às modificações estruturais e funcionais advindas com as fases do ciclo vital e que as dificuldades de adaptação podem gerar crise no desenvolvimento.

Muitos autores, como Mc Goldrick e Shibusawa, estudiosos do ciclo vital familiar, apresentaram os estágios do ciclo vital familiar baseado nas famílias de classe média americana. Tendo o intuito de levar em consideração a realidade das famílias brasileiras, citarei Cervený e Berthoud (2009) que através de seus trabalhos e pesquisas

com famílias do estado de São Paulo classificaram, de forma flexível, quatro estágios esperados do ciclo vital familiar, que são: fase de aquisição que representa a fase desde a união do casal até a entrada dos filhos na adolescência; fase adolescente, com uma tendência aos membros da família “adolescerem”; fase madura em que espera-se a saída dos filhos de casa e a entrada de novos membros como noras, genros e netos; e fase última com a vivência da velhice e do que advém dela.

Acredito ser importante ressaltar que as autoras basearam seus estudos no modelo americano de ciclo vital, adaptando para a população que elas trabalhavam (famílias paulistas), mas que não necessariamente descreve as famílias brasileiras como um todo, afinal o Brasil é um país continental, com uma grande diversidade social, cultural e econômica, podendo estes estágios serem vividos em diferentes nuances em relação às suas características.

Seguindo os objetivos deste trabalho, focarei no estágio da família com filhos adolescentes que é um momento em que os pais, ou um deles, podem reviver a adolescência, em que as regras, valores e normas de condutas precisam ser revistas e o diálogo entre pais e filhos mostra-se importante (CERVENY e BERTHOUD, 2009 p.26).

Macedo, Bruscatin e Feijó (2019), falam da necessidade de que esta comunicação seja desenvolvida desde a infância, pois se ela começa a ser estabelecida somente na adolescência, ela pode ser percebida como controle e intromissão e acaba por afastar pais e filhos.

As autoras falam também sobre a possibilidade de os pais estarem enfrentando a crise da meia idade nesta fase, passando também por transformações físicas e por um momento de revisão de vida e replanejamento do futuro. Além da possibilidade de estarem cuidando de seus pais, com idade mais avançada, sentindo-se muitas vezes sobrecarregados com estes cuidados.

Com o meu trabalho na clínica notei que também ocorre nesta fase que muitos pais estão recasados, ou divorciados em busca de um novo relacionamento. As mudanças relacionadas às regras, aos valores e aos comportamentos esperados são importantes pois os adolescentes têm demandas diferentes das crianças, percebem o mundo de forma diferente de quando eram crianças (como será mais bem descrito no capítulo 4) e em situações de recasamento isso se torna duplamente necessário pois há uma adaptação com relação à adolescência e uma em relação ao novo casamento.

Sobre os pais “reviverem” a adolescência, seja vivendo no primeiro casamento, divorciado ou em recasamento, acompanhei adolescentes que se percebiam como mais

responsável que seus pais, o que gerava grande ansiedade e preocupações, pais que demonstravam pouco compromisso com a família e com os filhos, priorizando os amigos, os eventos sociais e a busca por novos relacionamentos amorosos. Acompanhei adolescentes que se sentiam sobrecarregados e confusos com algumas conversas que tinham com o pai ou a mãe, quando estes desabafavam seus problemas pessoais com o (a) filho (a).

Muitas são as mudanças que podem acontecer nesta fase do ciclo vital, algumas são mais previsíveis, outras menos, mas como coloca Macedo (2020), as mudanças vividas pelos adolescentes também são mudanças na família demandando de todo o sistema familiar negociações e formas diferentes de conversações. Os desafios apresentados aos pais nesta fase costumam estar relacionados:

a aprender a manejar conflitos, tolerar as diferenças, manter a autoridade, mas permitir a reorganização de regras e aos adolescentes o desafio consiste em vivenciar seu processo de individuação, de separação da família, ainda se sentindo pertencente (MACEDO, 2020 p.147).

Aprender a manejar conflitos me parece uma tarefa constante dentro das relações familiares, independente da fase do ciclo vital, já tolerar as diferenças é algo que a família é desafiada a fazer, especialmente nesta fase, pois o processo de individuação convida a pessoa a olhar para ela, seus desejos, interesses e a buscar isso. Porém acontece, com frequência, de haver uma discordância entre as expectativas dos pais e as dos filhos. Muitas vezes eu ouvi de pais que eles não conhecem mais seus filhos, referindo-se a filhos que estão entrando ou vivendo a adolescência. Também escuto dos próprios adolescentes que se preocupam se os pais aceitarão a pessoa na qual eles estão se tornando ou as escolhas que eles gostariam de fazer.

Penso, lembrando-me de Macedo, Brusca e Feijó (2019) na importância de se desenvolver uma proximidade, desde a infância e ajustá-la, através do diálogo nesta fase. Morgado, Andrade, Santos e Narezi (2014) colocam o diálogo ente pais e filhos adolescente como facilitador ou dificultador do enfrentamento dos desafios desta fase do ciclo vital, pois encontrar formas funcionais de diálogo representa expressão de afeto, apoio, respeito às individualidades, sentimentos de satisfação ou insatisfação, delimitação de fronteiras e maior aproximação com os filhos.

3 – Pós-modernidade e os impactos na família

Como descrito anteriormente, a família vem se transformando no decorrer da história da sociedade e segundo Lino (2009), na contemporaneidade assumiu novas constituições e estruturas influenciadas pelas mudanças socioeconômicas, culturais, políticas e tecnológicas provocadas pela globalização do capitalismo.

Vasconcellos (2014), corrobora que o modelo tradicional de família, pautado no casamento e nos filhos advindos dele, não é mais o único modelo de família observado no Brasil na pós-modernidade e coloca:

A introdução de novos costumes e valores, a internacionalização dos direitos humanos, a globalização, o respeito do ser humano, tendo em vista sua dignidade e os direitos inerentes a sua personalidade, impôs o reconhecimento de novas modalidades de família formadas na união estável, no concubinato, na monoparentalidade, na homoafetividade, respeitando as diferenças existentes entre cada ser humano. Desta forma, a Constituição Federal que atravessou vários períodos históricos, assegura a dignidade da pessoa humana, a liberdade individual, à autodeterminação, o desenvolvimento humano, a igualdade, a justiça e a não discriminação como valores supremos de uma sociedade mais justa e igualitária. (VASCONCELLOS, 2014 p. 8).

Entende-se, portanto, como escreve Walsh (2016) que a concepção de normalidade das famílias deve ser examinada e expandida a fim de abranger a diversidade e complexidade da família contemporânea, que apresenta variação no seu formato, nos papéis de gênero, nas suas relações e curso de vida, em uma sociedade em crescente diversidade cultural e disparidade socioeconômica, mas que não deixa de valorizar a conexão com a família e o parentesco.

Hintz (2001) relata duas mudanças da pós-modernidade que trouxeram impactos e desafios para as famílias. Uma envolve as famílias com filhos e está relacionada à saída de ambos os pais de casa para trabalhar, visto que a mulher está cada vez mais buscando educação, desenvolvimento de uma vida profissional, cultural e política. Neste caso os filhos passaram a ficar em creches ou com outras pessoas como, por exemplo as avós e gerando interferência na educação que pode ser fonte de conflitos.

A outra mudança envolve famílias com ou sem filhos e refere-se à introdução das tecnologias no cotidiano das pessoas, que por um lado auxilia a qualidade de vida, mas também traz dificuldades no relacionamento entre pais e filhos e ente o casal (HINTZ, 2001).

É muito frequente atualmente o uso do celular durante as refeições tanto entre os adultos quanto crianças e adolescentes, a TV ligada em casa durante todo o tempo em que há pessoas ali, mesmo que elas não estejam assistindo, cada membro da família em seu *smartphone*, *tablet* ou computador, havendo pouco compartilhamento de experiência e pouco diálogo. Para a relação dos adolescentes e familiares costuma ser um ponto que potencializa o distanciamento e dificulta interações saudáveis entre pais e filhos, o que é de suma importância para eles nesta fase.

Souza e Schnitman (2021) também falam sobre estas mudanças e especificam as transformações nas relações de poder entre pais e filhos – em especial filhos adolescentes, onde dominar o conhecimento relacionado às tecnologias atribui vantagens e possibilidade de maior controle sobre o outro. Os pais tentam limitar o tempo de uso e os conteúdos consumidos, mas os filhos, com mais conhecimento sobre as tecnologias digitais, conseguem burlar e tendo “autonomia para fugir do controle dos pais”, interferindo na relação de poder e gerando um ambiente de incertezas.

Zygmunt Bauman (2001, *apud* Oliveira, 2012) aponta a Internet e as redes sociais como uns dos fenômenos da contemporaneidade que mais alteraram as relações interpessoais, mas para o sociólogo, a questão principal está no sentido construído sobre o eu e o outro, podendo-se observar um exibicionismo e uma supervalorização do eu em detrimento do outro, uma banalização das interações humanas e um acelerado processo de individualização.

Sobre este processo e seus impactos nas relações, o autor acredita:

Em consequência da enorme individualização da sociedade líquida, o indivíduo procura na sociedade e no mercado, além de em todas suas relações sociais, a felicidade no sentido de satisfação do prazer pessoal, perdendo todo e qualquer sentido de solidariedade e compreensão do outro, modificando e desvirtuando a noção de moral. Desde o descobrimento do uso da racionalidade instrumental, o homem nunca se preocupou em definir valores éticos e morais, fator que na modernidade líquida atingiu proporções catastróficas que vão além das guerras e disputas de poder, envolvendo a degradação ambiental, poluição, produção e reprodução da miséria humana, além de diversos outros problemas contemporâneos. Tudo isso em função da satisfação da subjetividade e vontade individual (BAUMAN, 2001 *apud* OLIVEIRA, 2012 p. 30).

Lash (1983) apresenta a cultura do narcisismo, também denominada pelo autor de cultura do individualismo competitivo e reflete sobre como ela dificulta os

relacionamentos mais duradouros, como amizades e casamentos, uma sociedade de pessoas ansiosas que buscam o sentido da própria vida e uma necessidade do viver para si e para o momento e não para os que virão, perdendo o senso de continuidade histórica e de pertencimento a gerações do passado que se estenderão ao futuro (p. 25).

As observações sociais feitas por Chistopher Lash na década de 80 referente à cultura americana e de Zygmunt Bauman nos anos 2000 são muito pertinentes ao tempo presente e à cultura brasileira. Lima (2014) em artigo sobre sua experiência clínica com famílias na contemporaneidade, conta que uma das dificuldades observadas por ela está relacionada a pouca colaboração e coordenação dos interesses dos membros familiares. A autora destaca o tempo restrito de compartilhamento de espaço e experiências entre as gerações e o subsistema fraterno, a ponto de algumas famílias se sentirem constrangidas quando são feitas perguntas a respeito de como, onde e quando se reúnem no ambiente familiar.

Tenho recebido queixas de pais que dizem não conhecer seus filhos adolescentes e quando vão descrevendo suas vivências, muitas delas envolvem pais que estão imersos em seus interesses (alguns colocam como necessidades) profissionais e sociais que não envolvem diretamente a família e filhos também envolvidos com atividades escolares e extra escolares, como prática esportiva, aprendizado de outro idioma ou algo semelhante. Acontece de cada um dos membros entenderem suas tarefas como as mais relevantes, não tendo a dimensão e a noção da importância do conjunto.

Outro ponto perceptível por mim a respeito da convivência familiar é que a tecnologia (aqui me refiro ao celular, ao computador ou tablet, e até mesmo a TV com seus infinitos canais *on demand*) tem se colocado “entre” os membros da família, dificultando o compartilhamento de ideias e a momentos.

Lima (2014) reflete sobre a importância da convivência diária entre familiares apontando que é neste momento que diferenças são percebidas e consideradas ou não para a construção da identidade pessoal e familiar, onde se pode aprender com as gerações e refere que esta convivência seria uma forma de desenvolver a segurança estabilizadora frente às vulnerabilidades advindas dos relacionamentos líquidos colocados por Bauman. E ressalta ainda que essa falta de convivência interfere, inclusive na dificuldade de impor limites aos filhos, pois estes limites “deixaram de ser simplesmente repetidos da forma como recebidos de gerações anteriores, tendo que, agora, ser ensinados aos pais”.

Resende e Szapiro (2021) também apontam a questão do declínio da autoridade parental e da atual forma de transmissão geracional como problemáticas da família contemporânea. Segundo as autoras, as famílias têm se confundido no sentido de hierarquia familiar, colocando pais, crianças e adolescentes como pares na busca no conhecimento e buscado o discurso científico, seja através de especialistas ou blogs, revistas, programas de TV, para nortear a educação de seus filhos, não priorizando a transmissão de valores, normas e saber acumulado.

Entretanto, cita Zanetti e Gomes (2009):

Compreendemos que as funções e papéis parentais são estruturas que têm finalidade de transmitir aos filhos a própria cultura, que ordena lugares e dá aos pais o poder de autoridade, na medida em que se responsabilizam por essa tarefa, fundamental para o desenvolvimento da sociedade, portanto. E diante deste tipo de interferência, algo desta finalidade da transmissão cultural se perde (p. 196).

Retomando a questão apresentada por Lash (1983) sobre “viver o momento”, outro impacto apontado por ele, advindo sobre essa premissa, está na deterioração dos relacionamentos entre casais e entre pais e filhos. Para ele, as pessoas com a necessidade de viver para si e para o agora, passaram a valorizar mais a correspondência emocional entre o casal que a criação dos filhos, dissociando sexo de procriação, supervalorizando a vida erótica e buscando incessantemente uma intimidade ilusória.

Pensando nisso, retomo minhas questões sobre como os adolescentes têm vivenciado e significado as relações familiares, especialmente vivendo uma fase tão peculiar como a adolescência. Entendo, com isso, que se faz necessário também contextualizar o processo de desenvolvimento em que eles vivem.

4 – O processo de desenvolvimento do adolescente

A adolescência é considerada uma fase de transição do desenvolvimento humano entre a infância e a vida adulta que “envolve mudanças físicas, cognitivas emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos” (PAPALIA e FELDMAN, 2013 p. 386) que compreende, segundo a OMS as idades entre os 10 e 19 anos e são subdividida em pré-adolescência dos 10 aos 14 anos e adolescência dos 15 aos 19. Já, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei n. 8.069/1990), em seu artigo 2º, considera o adolescente como a pessoa com idade entre 12

e 18 anos, “um sujeito que está em processo de formação de seus conceitos e de sua maneira própria de compreender a si e ao mundo que o rodeia” (VYGOSTKY 1996 *apud* CANIATO e NASCIMENTO, 2020).

As alterações hormonais da puberdade envolvendo transformações físicas e o amadurecimento sexual, mudanças nas estruturas cerebrais ainda em amadurecimento propiciando comportamentos impulsivos e de risco, o processo de amadurecimento cognitivo que possibilita um raciocínio mais abstrato, julgamentos morais mais elaborados e formações de hipóteses relacionadas ao futuro, a formação de identidade e transformações na forma de socializar-se são características do processo de desenvolvimento do adolescente (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

As autoras entendem que este período oferece oportunidades de crescimento físico, cognitivo e social ao adolescente e a UNICEF em 2011 reconhece que esta fase é uma oportunidade para os adolescentes no sentido de construção da identidade e autonomia, para as famílias descobrirem novas formas de se relacionarem e para escola, de contribuir para o desenvolvimento do potencial do adolescente.

Para Niederauer (2014) as transformações típicas da adolescência estão relacionadas ao processo de amadurecimento do encéfalo, que ainda não tem consolidada a habilidade de *comandar funções complexas, como interpretar dados, planejar ações, inibir impulsos, tomar decisões acertadas, imaginar realidades possíveis, entre outras* (p. 31).

Já Bock (2006) concebe a adolescência – não com uma visão naturalizante, mas ao contrário disto, com uma visão sócio-histórica – como um processo de construção social na qual o indivíduo se desenvolve através da interação social e cultural com o meio, que influencia e é influenciado. Em que as transformações biológicas e sociais que ocorrem nesta fase são significadas de diferentes formas por diferentes adolescentes e estas significações individuais contribuem para construção de sua identidade, independente da questão etária.

A autora entende, portanto, que a forma dos adolescentes se comportarem é resultante de suas interações sociais, das condições de vida e dos valores presentes na cultura. E, desta forma, a pergunta a ser feita sobre esta fase não deveria ser “o que é a adolescência?” e sim “como se constitui historicamente este período do desenvolvimento?” (BOCK, 2006 p. 68).

Por isso ao falar da adolescência e das suas relações e significações das relações familiares, acredito ser importante contextualizar historicamente – contemporaneidade,

mais precisamente os tempos atuais, como foi feito no capítulo anterior. E acredito ser necessário contextualizar culturalmente, dizendo a respeito da cultura brasileira, levando em consideração sua pluralidade étnica e socioeconômicas.

Feffermann et al. (2018) falam sobre a realidade dos adolescentes e jovens no Brasil e relatam que apesar dos avanços em relação à garantia dos direitos com o ECA e com o Estatuto da Juventude, também observa-se retrocesso pois estas políticas, mesmo com 28 anos de existência (em 2018), ainda não haviam sido efetivadas e a crise política contribui para desestabilizar ainda mais, gerando o contexto de violência contra essa população, em especial aos jovens negros, do sexo masculino, da periferia, que em 2015 representavam as maiores vítimas de homicídio por armas de fogo e do encarceramento em massa.

Ao passo que os adolescentes do sexo masculino estão mais expostos à violência, as do sexo feminino vivenciam o risco da gravidez precoce, não desejada. Camilo (2021) enfatiza a transformação da sexualidade no período da adolescência e expõe que no Brasil as políticas de prevenção como educação nas escolas e famílias não têm sido suficientes para a redução considerável dos números. A autora aponta as questões socioeconômicas como principal causa da gravidez na adolescência, e apresenta outras causas como “falta de educação sexual, pouco conhecimento sobre métodos contraceptivos, sexualidade precoce por conta da mídia, falta de apoio dos pais em diversas situações, imaturidade emocional, impulsividade, influência do meio onde vive etc.” (CAMILO, 2021 p.79).

Muitas vezes os pais não aceitam ou não assumem a paternidade, assim como as os bebês acabam sendo cuidados pelos avós. Existe também um número grande de abortos clandestinos, visto que no Brasil o aborto não é legalizado, e de mortalidade dos bebês. Observa-se discriminação e julgamento desses adolescentes (CAMILO, 2021). Um documento científico da Associação Brasileira de Pediatria (2020) aponta que “a gravidez na adolescência tem sido identificada pela OMS como um grave problema de saúde pública e um fator predisponente para a perpetuação do ciclo de pobreza” e que a mais importante forma de prevenção é a educação sexual, tanto individual, quanto na família e nas escolas, inclusive para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Outro risco predisponente nesta fase é o uso de drogas que acarreta consequências negativas para o adolescente como problemas nas questões escolares e sociais e possíveis transtornos mentais associados ao uso de drogas (SILVA, OLIVEIRA e PACHÚ, 2021).

A família tem sido apontada como importante aliada, tanto na prevenção através do diálogo e do monitoramento, quanto para participar de intervenções e desta forma tem sido apontada como fator de proteção. Mas também pode ser vista com um fator de risco (ZAPPE e DAPPER, 2017) com o abandono ou distanciamento da família, falta de comunicação ou comunicação falha, conflitos e violência familiar e consumo de drogas neste núcleo (SILVA, 2019).

Cardoso e Cecconello (2019) destacam fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência, que tem tido índices elevados nos últimos anos. Em sua pesquisa sobre estes temas, as autoras identificaram que “características de personalidade, transtornos mentais, doenças físicas orgânicas, estressores familiares, violência familiar, estressores escolares, comportamentos de risco, estressores psicossociais, fatores psicológicos e estressores sócio econômicos” (CARDOSO e CECCONELLO, 2019 p. 101) são fatores de risco entre os adolescentes para o suicídio. E apontam que vínculos familiares seguros, práticas parentais adequadas, apoio social da escola e amigos e características individuais como habilidades sociais, autoestima e espiritualidade como fatores de proteção.

Outro ponto a se ressaltar sobre a vivência dos adolescentes e os riscos que eles enfrentam nesta fase do desenvolvimento está relacionada o uso excessivo de tecnologias como *smartphones*, *tablets*, vídeo game em sua conectividade constante através da internet e aplicativos como WhatsApp, Instagram, Facebook, Tik Tok, Tinder e afins, jogos etc. que pode levar o adolescente à dependência tecnológica. Pelo seu desenvolvimento biopsicossocial em curso, o adolescente ainda não está totalmente maduro para avaliar os riscos e benefícios destas tecnologias, além de muitas vezes distorcer a realidade (1) das informações consumidas (SALES, COSTA e GAIL, 2021 p.7).

Um documento elaborado pela Equipe da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (2020) sobre a proteção deste grupo na internet aponta o *grooming*¹, o *cyberbullying*², o *sexting*³, o *sextorsão*⁴, o tráfico de pessoas, conteúdos

¹ - Refere-se ao aliciamento de crianças e adolescentes por meio da internet com o intuito de se buscar benefícios sexuais.

² - Envolve o meio de comunicação digital para assediar ou perseguir pessoa ou grupo por qualquer característica.

³ - Fenômeno no qual crianças ou adolescentes, através do meio digital, produz e compartilha imagens de nudez, mensagens e conteúdo sexual ou pornográfico.

⁴ - São ameaças feitas às vítimas de Sexting para que suas fotos (ou outro conteúdo) não seja divulgado, geralmente a ameaça envolve pedidos de mais fotos ou encontros sexuais reais.

inapropriados e violentos e o *happy slapping*⁵ como maiores riscos para este público e aponta o modelo e o acompanhamento de pais e responsáveis, além do diálogo entre pais e filhos como fundamental para busca do uso seguro da internet.

Além disso, tanto o uso excessivo quanto a dependência tecnológica trazem impactos negativos no desempenho e desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos adolescentes, com superexposição às informações afetando o processo de aprendizagem, propensão à depressão e à transtornos de ansiedade, isolamento social incluindo o isolamento familiar (SILVA e SILVA, 2017).

Santos e Silva (2021) falam de uma geração de adolescentes solitária, depressiva e insegura, filhos de uma sociedade capitalista, extremamente individualista e aprisionada pelo mundo virtual e as redes sociais, onde as pessoas têm como hábito e até como obrigação o compartilhamento de suas vivências cotidianas – não se pode deixar de fazer postagens para não perder seguidores ou amigos virtuais, desabafos e exposição dos sentimentos são feitos a todo momento e nem sempre os feedbacks recebidos são acolhedores, afetando o modo de viver, sentir e conviver dos adolescentes. As autoras apontam a família como lugar seguro para apoio e diálogos mais saudáveis.

Observa-se, portanto, a importância da família para os adolescentes e que apesar das diferentes formas de se viver família dos tempos atuais, ainda há uma valorização desta instituição e o reconhecimento dela como um lugar de segurança e bem-estar para o desenvolvimento de seus membros (PRATTA e SANTOS, 2007).

5- MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa quantitativa com foco no construcionismo social realizada com adolescentes.

A pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006) enfatiza a qualidade, os processos e o significado daquilo que se pretende estudar através de uma íntima relação com o pesquisador, que busca ressaltar a “natureza socialmente construída da realidade” e entender como essa construção adquire significado.

Sobre a construção da realidade, Macedo, Kublikowski e Grandesso (2004) entendem que se refere de um “processo individualmente cunhado e socialmente

⁵ - Consiste num ataque inesperado a uma vítima enquanto um colega do agressor filma a vítima apanhando (ou algo assim) e compartilha nas redes.

legitimado, em um processo recursivo entre indivíduo e cultura” que é mediado pela linguagem.

Rasera e Guanaes-Lorenzi (2021) ao escrever o artigo sobre o Terapeuta como Produtor de Conhecimento citam Spink e Menegon (1999) ao propor três características importantes das pesquisas qualitativas de cunho construcionista, que são: **indexicabilidade** – em que a variação do contexto interfere na produção do sentido, **inconclusividade** – refere-se à complexidade dos fenômenos sociais, sendo, desta forma, impossível controlar todas as variáveis que interferem em sua produção e impossível citar verdades absolutas e, por fim, **reflexividade** – aqui leva-se em consideração a subjetividade do pesquisador, sua interpretação e a explicitação dos efeitos de sua presença nos resultados da pesquisa.

É neste sentido que esta pesquisa se direciona, na busca pela interpretação, pela visão, pelo sentido e significados construídos pelos participantes na vivência familiar e em relação à família em que estão inseridos, a partir de um roteiro de entrevistas com perguntas semiestruturadas, que favoreçam a conversação e o compartilhamento de opiniões.

5.1 – Participantes

Participaram desta pesquisa 6 (seis) adolescentes com idade entre 14 e 18 anos, cursando entre o nono ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio, pertencentes a famílias de classe média/ classe média alta, residentes no município de Jundiaí, localizado na zona oeste do interior do estado de São Paulo.

A escolha dos participantes foi feita a partir da minha rede de relacionamentos, constituída por adolescentes que se encontram em processo Terapêutico e dos alunos de um colégio da rede particular do município de Jundiaí, onde realizo Projetos de Orientações Profissionais.

Tal rede se constitui como uma "amostra de conveniência", que segundo Maia (2020) é uma amostra selecionada pela maior disponibilidade e acessibilidade dos participantes. A escolha deste tipo de amostra não foi somente por ser mais acessível a mim e por propiciar as características dos fenômenos que pretendo estudar, mas também por assegurar melhor grau de profundidade e extensão à qualidade dos dados, em função da qualidade do vínculo estabelecido com os participantes facilitando o diálogo.

5.2 – Recrutamento

O convite foi feito aos adolescentes, e quando aceito, foi solicitado autorização da família quanto à sua participação em um estudo sobre adolescência e família realizado pela pesquisadora, através de entrevistas via vídeo conferência/online, para o Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal da PUC-SP.

5.3 – Instrumentos

Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevista semiestruturada, conduzida por mim, via plataforma Zoom de vídeo conferência e foram gravadas mediante autorização e assinatura do responsável legal do participante do Termo Livre e Esclarecido (TCLE) e perante assinatura do termo de assentimento, assinado pelo próprio adolescente.

5.4 – Procedimentos

Foi realizada uma única entrevista com cada participante, via o aplicativo Zoom versão gratuita, que permitiu comunicação síncrona pela Internet através de conexões de voz e vídeo via computador, *tablet* ou *smartphones*. Este software também permite a gravação das videoconferências feitas por meio dele. As gravações foram baixadas em meu computador, o que permitiu serem mantidas durante o tempo necessário para análise do referido material.

A entrevista via videoconferência foi escolhida em função da pandemia de COVID 19 e para viabilizar a gravação da entrevista e houve um comprometimento da minha parte em seguir as orientações éticas desse meio notificada pela *Association of Internet Researchers*⁶, que orienta a importância de informar de maneira clara e objetiva a finalidade da pesquisa aos participantes do estudo, garantir a confidencialidade dentro dos limites estabelecidos para uma pesquisa e obter seu consentimento formal.

⁶ - - *Association of Internet Researchers é uma associação acadêmica internacional dedicada à promoção de pesquisas críticas e acadêmicas na Internet.*

Também foi utilizada uma entrevista piloto com o intuito de verificar se as perguntas, elaboradas por mim, atenderiam os objetivos propostos neste trabalho, bem como verificar seus graus de clareza, compreensão e coerência interna.

Foram seguidos todos os pré-requisitos necessários para a pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde, tendo sido submetido à aprovação do Comitê de Ética da PUCSP e da Plataforma Brasil, um projeto de pesquisa.

5.5 - Análise dos dados

Realizei a análise dos dados amparada pela Análise do Discurso com ênfase na Poética Social, buscando o sentido (ancorado na ideologia, na história e na linguagem) do que se foi produzido e não o conteúdo propriamente dito. A ideologia refere-se ao posicionamento do sujeito ao falar e às representações de suas ideias; a história é referente ao contexto em que o sujeito está inserido e, por fim, a linguagem é a materialização do discurso em forma de texto que gera indícios do sentido que o sujeito pretende dar. *“Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer”*. (CAREGNATO e MUTTI, 2006 p. 681).

Busquei, desta forma, ao escutar algumas vezes as entrevistas feitas e ao reler as anotações feitas por mim durante as entrevistas, levando em consideração os objetivos propostos neste estudo, compreender o significado e o sentido das informações coletadas, destacando os momentos extraordinários, enfatizando o desconhecido, o novo, o inusitado que emergiram da conversa. Essa forma de análise refere-se à prática da *poética social* onde *“a pesquisa emerge como um processo vivo de construção e reconstrução de sentidos do mundo que tem por objetivo a criação de estratégias retóricas que permitam a abertura a novas possibilidades de compreensão dos eventos investigados”* (GUANAES, 2006, p. 97).

6- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 - Concepção dos adolescentes sobre família.

“Família para mim é um pai, uma mãe e não necessariamente um filho, mas como

eles quiseram, eu tô aqui, né? Aí tem os avós, as tias, os tios, todo mundo. Pra mim é um símbolo de união, onde todo mundo quer ajudar e na minha opinião, precisa também tentar ajudar o outro.”

Aparece aqui, uma visão bem contemporânea de família baseada no casal, com ou sem filhos, diferenciando a família nuclear (pai, mãe e filhos) de família extensa (avós, tios etc.); e focada nas relações familiares (mais que nos bens, como se via em outros momentos históricos) de afeto e auxílio mútuo.

“Eu acho que as pessoas que cuidam de você e tem apoiam, que tão lá pra você quando você precisa”.

“Um conjunto de pessoas, das quais, não necessariamente foram escolhidas, em função de união, amor etc., mas não necessariamente são desta forma, nem todas as famílias têm isso. Um conjunto de pessoas com parentesco entre elas, mãe, pai, irmão... eu não sei explicar direito. Nem todas são tão unidas ou tão juntas quanto outras, ou se dão tão bem, tem tanta liberdade um com outro ou tanta sinceridade.”

Aqui destaca-se um posicionamento de que nem em toda família há predomínio de união e proximidade com seus membros, posicionamento este que está ligado ao contexto do adolescente que relata distanciamento por partes dos membros desta família.

“Tem gente que acha que família é um negócio meio ortodoxo, tipo pai, mãe e filho, eu acho que família foge um pouco desse conceito, acho que família é quem tem apoia, quem te acolhe, quem te ajuda, às vezes dá apoio financeiro. Sua família pode ser seus amigos, algum guardião, pode ser seus próprios pais, que é a família mais tradicional que tem, como é a minha por exemplo. Família é quem te apoia tanto emocionalmente como talvez financeiramente, geralmente para adolescentes como eu, que dá amor, carinho, dá esse sentimento de se sentir em casa, cuidado, pertencente”.

Destaco nesta fala, dois pontos: o primeiro está relacionando ao apoio financeiro dado pelos pais, muito comum em famílias de classe média, média alta e alta, ressaltando desta forma, o contexto em que estes adolescentes estão inseridos. Entendo que se espera, para a maioria dos adolescentes de classes econômica mais baixa, que nesta fase, eles ingressem no mercado de trabalho a fim de auxiliar a família com as despesas de casa ou começar a ter a própria independência financeira.

O segundo ponto que destaquei foi o sentimento de pertencimento, tão importante para o ser humano de uma forma geral, mas especialmente importante na adolescência, em que a ideia de ser aceito e um pertencimento seguro, favorece o processo de individuação/diferenciação.

“Família é o primeiro grupo de pessoas que introduz um indivíduo pro mundo afora, é um centro de início, né, é aquela brincadeira: amigos você escolhe, mas a família não. É o que você recebe pra ver como vai ser o mundo lá fora. E toda família é diferente e por famílias serem diferentes, elas formam pessoas diferente. Além de formar o indivíduo pro mundo é meio que um porto seguro caso o mundo não seja do jeito que você esperava”.

O adolescente ressalta aqui a família como primeiro grupo social do indivíduo. Morgado *et al* (2014) corroboram com este pensamento e colocam que é com a família, e através da comunicação (verbal e não verbal), que as pessoas adquirem seus valores, crenças e rituais e se desenvolvem social, intelectual e emocionalmente. Há também o entendimento de que cada família é única e diferente das demais.

Destacou-se também, no discurso dos adolescentes a família como apoio e fonte de cuidados.

6.2 - Sentimentos expressados por eles em relação à família.

“Me sinto muito bem tendo uma família e sinto que minha família me ama, que quer o meu bem, assim como eu quero o bem deles.”

“Eu acho que antes eu tinha um pouco, parece, mais de assim, vergonha, não sei se vergonha mas eu achava mais estranho principalmente por causa da profissão mais diferente que meus pais sempre tiveram. Eu acho que, não sei se era uma vergonha exatamente, porque eu lembro que eu tinha muita vontade de que meus pais terem uma rotina, tipo, chegar em casa tal horário e sair de casa tal horário, todos os dias, porque seria mais como uma rotina mesmo, ter mais tempo de lazer, e que aí eu acho que esses pensamentos de não gosto da profissão deles vinha na minha cabeça porque do tipo, os amigos da escola, os pais que tinham essas profissões mais normais assim, tinham essa coisa que eu queria ter, mas que hoje eu acho muito legal ter meus pais com essa profissão, porque eu acho que eu fui criada de um jeito diferente do que a maioria dos adolescentes e crianças são criados, com opiniões mais diferentes e com muitas oportunidades assim, principalmente no meio artístico, eu sinto que, com essa profissão, meus pais também têm uma mente mais aberta assim, que eu acho legal e muito importante.”

“Sinto que não somos tão próximos e amáveis uns com os outros.”

“Amo demais minha família, minha família é meu suporte, meu apoio, sempre foi e sempre será. Eu conto muito com meus pais, meus avós, meus tios e eles sabem que podem contar comigo, assim, é um sentimento mútuo de ajuda. Às vezes tem desentendimento, como meus irmãos, por exemplo, o tempo inteiro, mas é aquele sentimento de pertencimento mesmo. Você está ali, a gente tá junto é, a gente se sente acolhido, sei que posso contar com eles, me sinto bem perto deles e me sinto amado, sei que eles estão comigo pra tudo e eu estou com eles pra tudo.”

“Acho que minha família não é muito diferente de muitas outras, ela tem seus pontos extremamente positivos, é aquele sentimento de mesmo com os problemas que a gente tem eu não consigo me ver longe deles. Eu amo eles”.

Em relação aos sentimentos expressados pelos participantes em relação à família, destaca-se a multiplicidade de sentimentos o que me faz refletir sobre a diversidade e

complexidades das relações familiares. Observou-se sentimentos como:

1. Reciprocidade no amor e na ajuda.
2. Pertencimento e acolhimento.
3. Sentimento positivos e transformados, o que na infância foi uma vergonha ou lamento, na adolescência passou a ser algo como orgulho, alegria e ideias de oportunidade, pelos pais terem uma carreira profissional não convencional.
4. Proximidade.
5. Distanciamento.
6. Pouca amabilidade entre os membros.
7. Sentimento de não conseguir se ver longe da família apesar dos problemas.

Destaco nestes discursos o sentido da importância da família na vida dos adolescentes, tanto quando o discurso é positivo (sobre amor, ajuda, acolhimento, proximidade) quanto quando é negativo (sobre pouca amabilidade e distanciamento), pois neste caso, percebo o ausente, mas implícito, desejo de estar mais perto e ser mais apoiado.

Observo, em minha vivência, que alguns pais, quando os filhos começam a crescer e até pelo comportamento muitas vezes distante dos adolescentes, tem dificuldades de se aproximar, seja com o diálogo ou em atividades conjuntas. Entretanto os adolescentes continuam a precisar e desejar o afeto e o direcionamento dos pais.

6.3 – Visão dos adolescentes sobre o que a família espera deles e os sentimentos por eles experimentados em relação à estas expectativas.

“Esperam que eu seja feliz, que eu tenha muitos amigos, não muitos, mas o tanto necessário para ficar bem. Que eu estude, assim, que eu vá bem na escola, não sempre, não sempre, mas que eu esforce pelo menos e que eu divirta o máximo que eu conseguir porque só tem uma vez na vida essa fase”. “Acho que eu tô conseguindo fazer tudo e não é só o que eles querem, é o que eu quero também, é mais o que eu quero que o que eles querem, assim, não sei”.

“Eles esperam que eu cresça pra ser uma pessoa boa, assim e com, acho que com valores que eles acreditam também, mas que eu acho que antes eu sentia mais e, mas que

eu não sinto muito, é pressão em relação à notas, vestibular, em ter que passar numa faculdade, eles decidirem, querer interferir na minha decisão do que eu vou fazer da minha vida, eu acho que nesta questão eu me sinto bem livre pra escolher o que eu gosto. Em relação à escola eles sempre esperaram que eu tirasse notas boas, principalmente meu pai, eu sinto mais que é tipo se você tirar um sete não tem problema, mas também não tira quatro, uma coisa assim mais do meu pai”. “Eu acho que do meu pai diminuiu um pouco, mas ainda tem um pouquinho e acho que a pressão deles neste sentido não me afeta tanto porque eu acredito nisso também que eu tenho coisas em mente que eu quero fazer, mas que podem ainda mudar, mas sobretudo acaba não me afetando tanto”.

“Eu sinceramente não sei... acho que eles esperam que eu faça as coisas corretamente, faça boas escolhas. Sinto insegurança, medo, ansiedade, pânico de uma maneira ansiosa, não necessariamente o pânico em si, medo de fazer algo que os decepcione ou ser o fracasso”. “Acho que eles deveriam apoiar minimamente cada escolha de uma pessoa da família, independente da escolha que seja, tendo respeito, consideração, apoio em si.”

Neste caso destaca-se a insegurança e o medo de decepcionar ou fracassar e o desejo de ser apoiado e respeitado em suas decisões. Em análise do contexto deste adolescente, ele enfrenta um processo depressivo e percebe sua família com distanciamento entre os membros.

Outro destaque está na fala do adolescente em não saber o que os pais esperam dele. Ser claro nas expectativas que se tem para os filhos é um ponto muito relevante nas relações entre pais e filhos nesta fase, assim como na infância. Mas especialmente nesta fase, levar em consideração o posicionamento dos filhos em relação à estas expectativas auxilia na proximidade e na redução de conflitos.

“Tenho certeza que eles esperam de mim, primeiro, que eu seja eu mesmo, por exemplo, esse negócio de faculdade eu quero que você curse tal, isso nunca aconteceu comigo na minha família a pergunta sempre foi o que você quer?. Eles me ajudam a me descobrir e a encontrar o meu caminho. Que eu seja eu mesmo, que eu siga meu caminho e, principalmente que eu me esforce, porque esta fase que eu estou entra uma questão de

maior responsabilidade, de maior desempenho na escola pra eu passar numa faculdade, ou nem só isso, de tarefa em casa, de ajudar a cuidar do meu irmão. Então eles esperam que eu tenha responsabilidade e que eu faça com vontade, que eu tenha essa determinação de ir atrás”. “Eu tenho dois lados: primeiro que eu gosto, que é um empurro a mais, é um apoio, tipo vai lá. Mas ao mesmo tempo é um pouco pressão, não tanto com o que algumas pessoas podem ter, mas você sabe que tem alguém ali esperando que você cumpra alguma coisa, que você se esforce. Eu coloquei expectativas pra mim mesmo, só que a partir do momento que eu coloco essa expectativa pra mim e conto pra eles, eu sei que eles querem que eu consiga. É um pouco de pressão de Puts, e se eu não conseguir?”

“Eles sempre falam pra mim que esperam que eu seja feliz, desde que eu era menor, eles sempre quiseram que eu fosse feliz, só que antes parecia que eles tinham um plano pra isso, tipo um plano pra felicidade, até na questão de o que você vai ser quando crescer, o que você deve fazer, você deve ter boas notas, essas coisas, meio que um planejamento que eles acreditavam. Agora, eles querem que eu seja livre no que eu quero fazer. Às vezes eu acho que eu sou muito cobrado pras coisas, mas eles sempre dizem que querem que eu seja feliz, apenas isso, mas ser feliz envolve muita coisa”.

Destacou-se no discurso de dois adolescentes que os pais esperam que eles sejam felizes, uma expectativa muitas vezes observada por mim entre os pais nos tempos atuais. Entretanto, como colocado na fala deste último adolescente, ser feliz envolve muita coisa. Em alguns momentos percebo que os próprios adolescentes se cobram de ser, de estar feliz, imaginando que é possível ser feliz sempre.

Estudar e ter boas notas; ter amigos; divertir; esforçar; ser livre nas escolhas; ser uma pessoa boa, com valores semelhantes ao dos pais; fazer as coisas corretamente; fazer boas escolhas; ser “eu mesmo” na escolha da profissão, ter responsabilidade, fazer com vontade e ter determinação de ir atrás, representam a percepção dos adolescentes relativa às expectativas dos pais para eles.

Outro ponto bastante relacionado com classes econômicas mais elevadas está nas expectativas de notas elevadas, maior esforço e desempenho para os estudos e para estar em uma boa faculdade.

De um modo geral há uma percepção positiva das expectativas dos pais para com

eles, mas sentimentos múltiplos, vividos por eles decorrentes destas expectativas como: a sensação de estar conseguindo tudo que os pais querem e de querer o mesmo que os pais, coisas boas para eles; sentimento de insegurança, medo de fazer algo que os decepcione e de fracassar; sentimento duplo de ser algo bom como um apoio e um incentivo, ao mesmo tempo pressão para conseguir.

Cabe colocar aqui, um trecho do livro de Tania Zagury (2010) , escrito por adolescentes intitulado como “Recado dos Jovens para as Mamães”:

“Nas famílias em que somos incentivados a participar e a contribuir, nós participamos e contribuímos; quando confiam na nossa capacidade, em geral, correspondemos às expectativas e assumimos o papel que nos oferecem. Vai depender de vocês , mães, o que seremos no futuro – jovens participativos ou usufruidores apenas” (trecho do livro de ZAGURY, 2012, p. 188).

6.4 – Como os adolescentes percebem a influência deles na vida da família e a da família na vida deles.

“É positiva, e também minha mãe fala que quando a mãe dela morreu, acho que um ano depois eu nasci, e ela cuida de mim como ela queria que a mãe dela cuidasse dela, ela sente falta e acha que eu fui um presente para vida dela. Eu acho que aprendi muito com eles assim como eles aprenderam muito comigo, exercendo a paciência, dando amor, carinho e isso junto com meu pai”. “Eu aprendi muito também, tive que aceitar as pessoas como elas são, tipo, eles me ensinaram a viver basicamente, tipo, me levaram na escola, aprendera a andar, ir no banheiro, falar, aí depois do primeiro ao sexto ano, me ajudaram nas provas, aí agora eu sei como faz as coisas, não que eu não precise deles. Preciso pra morar né, pra me sustentar porque eu não faço dinheiro e porque é uma família, né, porque me amam e eu preciso de amor, senão vou ter depressão”.

“Acho que é uma parte muito importante, principalmente porque eu dependo ainda muito deles, é uma outra vida pra eles cuidarem, agora que eu sou adolescente, um pouco menos, mas ainda assim eles precisam dar um ajuda, então acho que sou uma parte bem grande da vida deles”. “Eu acho que as opiniões e os comportamentos deles influenciam muito na minha, apesar de agora ter a internet e um acesso muito fácil à

informação, então eu também tenho as informações pra discordar, se for o caso. E acho que a parte da carreira deles influenciou muito e eu só percebi mais agora, porque eu acho que eu também fui um pouco mais afetada pela opinião das pessoas de tipo, ah, seus pais são atores, tipo não darem um opinião tão boa quanto a isso, na maioria das vezes eu não ouvi, nossa, que legal, seus pais são atores. Mas que hoje eu percebo o quanto fez diferença na minha vida, numa questão geral, porque eu tenho amigos, por exemplo na minha sala, que nunca foram no teatro sem ser com a escola, e a gente tem 14 anos, 15. E pensar quantas vezes eu já fui assistir peças de teatro e do tipo que antes eu não entendia direito, mas hoje eu concordo muito com os projetos que eles fazem de dar voz às crianças, de que as crianças também opinião, são coisa que eu também acredito e isso acabou influenciando bastante.”

“Nenhuma, acho que eu só causo estresse mesmo. Momento em que a depressão influencia nas respostas. Talvez para minha irmã eu cause alívio, porque ela só me irrita, então se essa é a válvula de escape dela, ela causa estresse pra mim e pra ela é uma válvula de escape. Pro R. não sei se teria muita coisa, porque ele estuda o dia inteiro, eu faço outras coisas”. “A influência deles na minha vida é na maioria das vezes negativa e outras vezes, minimamente de forma positiva, mas eu não sei, não sei se eu estaria generalizando, ou deixando de uma maneira pessimista, acho que eu só acho que é tudo negativo mesmo.”

“Minha existência influencia bastante na vida deles, emocionalmente e financeiramente. Por exemplo, aconteceu algo e eu fiquei triste, esse sentimento foi passado para meus pais, eles se sentiram abraçados pelo que estava acontecendo e se sentiram igualmente mal, mas quando eu tô bem, quando eu tô feliz esse sentimento passa, porque você se importa, quer ver a pessoa bem. Financeiramente também, porque influencia em como eles gerem o dinheiro, ou o que eles vão fazer”. “O principal é me apoiar, apoio faz diferença, porque tem dia que falo: Putz, eu não consigo, não vai dar. Mas se você tem alguém ali, principalmente seus pais, te apoiando ou te ajudando da maneira que eles podem, ajuda muito. Às vezes eu fico irritado porque se eu faço 10 coisas certas e uma errada e eles só falam da errada.” “O comportamento, dicas, eu levo o conselho deles muito a sério. O comportamento que eles têm me faz ter certas opiniões, por exemplo: meu pai tá fazendo tal coisa, acho que eu deveria fazer o mesmo, ou isso

dá pra evitar se eu não gosto do comportamento. Ou da genética, tipo: você puxou isso do seu pai. Isso também influencia. Ou tipo, como meu pai tá, como minha mãe sente, a mesma coisa que eu falei, você se sente mal, alguém muito próximo de você não tá bem”.

“Não sei muito na verdade, a maioria das vezes eu acho que não influencio muito bem na minha família, sempre eu só trago problema. Pensando não tão negativamente, eu sempre deixei minha mãe feliz, eu sempre tentava trazer uma risada pra ela, sempre fui entusiasmado com as ideias do meu pai, eu concordando ou não, brinco um pouco com meus irmãos”. “A família é mais um grupo na qual eu participo, antes era tons bem mais importante, agora sinto que ela faz parte do meu grupo social, eles já me influenciaram muito mais, mas agora sinto que eles não me influenciam tanto assim. Por exemplo, se eu estou com um problema, sinto que vale mais a pena conversar isso com um amigo do que com meus pais”.

Apareceu a percepção positiva de influência do adolescente na vida familiar, como um presente para vida da mãe que tinha acabado de perder a mãe dela; no aprendizado, onde pais aprendem com filhos e filhos aprender com pais; no sustento e moradia; nos cuidados que os pais precisam ter com os filhos. Observou-se um reconhecimento de circularidade (sem que tenha sido dito esta palavra) em que as emoções de um membro influência nos demais e vice-versa.

Também observou-se a percepção de uma influência negativa do adolescente na vida da família e influência mútua negativa, tanto do adolescente na vida da família, quanto da família em sua vida. O adolescente considera a possibilidade de o quadro depressivo, do qual enfrenta, influenciar na sua percepção, levando-o a generalizar ou ser pessimista.

Macedo (2020) lembra que as transformações experimentadas e vividas pelos adolescentes em decorrência da fase, não são vividas de forma unilateral, sendo também transformações na família, que demandam rearranjos, negociação e ajustes.

Já em relação à influência da família na vida dos adolescentes foi percebida como apoio; ajuda; aprendizado de coisas básicas como aprender a falar e de questões mais complexas como aprender a aceitar as pessoas como elas são; sustento; afeto relacionado ao amor; os pais como fonte informações importantes para a vida, em que a opinião e o

comportamento é levado em consideração.

Um adolescente colocou os amigos como sendo melhores para conversar sobre problemas que os pais. Macedo, Bruscagin e Feijó (2019) apontam esse comportamento como algo comum desta fase, em que:

ao buscarem definir a própria identidade, os adolescentes voltam-se cada vez mais para o grupo de amigos e colegas em busca de apoio emocional e de modelos da própria cultura jovem, sendo muito influenciados pelas mídias e pelas redes sociais – com as quais se identificam em busca de valores e ideias para legitimar-se socialmente e encontrar sentido na vida (MACEDO, BRUSCAGIN e FEIJÓ, 2019, p. 103).

Houve um adolescente que apontou a internet como influente fonte de informações, para ser checada em caso de necessidade de argumentar o que os pais dizem. Esta é uma observação feita por Souza e Schnitman (2021) ilustrando as transformações nas relações de poder da família contemporânea, em que nas famílias tradicionais modernas os pais eram detentores do conhecimento e desta forma as crianças e adolescentes aprendiam com eles e atualmente o acesso às informações pela internet por parte dos adolescentes supera o dos pais, podendo interferir nesta relação.

Destacou-se ainda, o apontamento de um adolescente sobre a necessidade da convivência familiar em sua vida para não ter depressão. Em uma revisão de literatura sobre fatores associados à depressão em adolescentes, Freitas *et al* (2017) observaram que o contexto familiar e a qualidade do relacionamento entre adolescentes e pais têm fortes influências para o aparecimento ou não da depressão entre adolescentes, sendo que alto grau de conflitos familiar ou entre pais e filhos e baixo nível de apoio familiar estão entre as principais causas deste adoecimento.

6.5 - Percepção dos adolescentes sobre os desafios dos pais para com eles

“Eu acho que o tentar entender meu humor, porque tem dia que eu tô super feliz, tem dia que eu tô triste, tem dia que eu tô brava e, às vezes eu não demonstro nenhum indício. Eu não fico demonstrando muito sentimento, sei lá, tem muita coisa na minha cabeça e é isso. Minha mãe sempre tenta entender o meu lado e o que eu tô pensando, só que eu não sou muito de falar essas coisas, ela quer saber se eu tô feliz.”

“Pra mim não parece que eles tenham uma dificuldade aparente em um ponto

específico, mas nas das outras pessoas, principalmente dos meus amigos, eu sinto mais nessa questão dos pais não saberem de uma forma certa essa coisa da educação sexual, é muito difícil para os pais, coisas relacionadas à bebidas, drogas, coisas deste tipo também. E, não sei, eu vejo muito dos meus amigos, os pais cobrarem de notas, de terem notas altas ou de tipo, estudar, passar no vestibular, por exemplo”.

“Sei lá, segundo eles a adolescência é o período da aborrecência, mas em relação à educação eu já fui muito educada quando pequena e eu mantenho isso hoje em dia, e eu acho que a outra parte vem de amigos, de diferentes interações, mas não necessariamente no sentido de educar, de falar isso não é correto ou é correto.” “Acho que a dificuldade está em lidar com a puta chatice (desculpa a palavra), a famosa mudança de hormônios que deixa a gente agressivo e puto o tempo todo com tudo, ou não sei.”

“Eu reconheço que eu, às vezes, como adolescente teimo com algumas coisas que é desafiador para meus pais, sou teimoso, fico nervosinho rápido, que é uma coisa normal de adolescentes... Outro ponto pode estar relacionado às contas, ou outras coisas de um filho adolescente: quais as necessidades dele? O que ele precisa? São eles que vão arcar com os custos da faculdade? É algo que eles têm que se preocupar? Também imagino que seja um desafio para eles me educar para que eu siga coisas que eles acham que é certo, me educar da forma que eles acham melhor”.

“Sinto que o que mais eles precisam ser, o que já são, é apoiar. Se tudo tá entrando em colapso você saber que seus pais estão te apoiando, apoiar no sentido de saber o que é melhor para seu filho, mas escutar ele também, principalmente escutar. Acho que escutar os filhos é muito importante. Eles têm mais dificuldade de escutar quando eu estou mal, como se eles quisessem me dar uma resposta que solucionasse, o que às vezes só piora”.

Barreto e Rabelo (2015) falam sobre o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade, destacando a dificuldade de ajustar os modelos e práticas

educativas que ao mesmo tempo que comunicam valores importantes, reduzam os conflitos entre pais e filhos e propiciem aos filhos um desenvolvimento saudável.

Este é um desafio frequente, em que os pais alternam entre o autoritarismo, muitas vezes herdado da sua própria educação, e a permissividade. Alguns pais tentam muitas vezes fazer com que os filhos se comportem de uma forma ou deixe de se comportar de outra e, se não têm resultados, deixam (“largam”) de buscar formas diferentes de se relacionar. Formas que reconheçam que faz parte do desenvolvimento adolescente a vivência de novas experiências e aquisição gradual de autonomia no caminho de se tornar um adulto.

Os adolescentes entrevistados não falaram diretamente sobre esses desafios, mas destacaram pontos pertinentes ao relacionamento e a convivência familiar (conflituosos ou não) e aos cuidados e apoio, tão importantes para esta fase, apesar de os adolescentes parecerem mais independentes dos pais. Realçaram nos discursos deles, percepções de desafios como:

1. tentar entender como o filho está se sentindo e o que está pensando;
2. lidar com as mudanças hormonais que podem deixar o adolescente agressivo e revoltado;
3. lidar com a teimosia e o “ficar nervoso rápido”;
4. definir as necessidades relacionadas ao financeiro (como faculdade, por exemplo);
5. educar para seguir os valores dos pais;
6. apoiar no sentido de escutar o que o filho está realmente dizendo.

Também se observou uma percepção de que os pais não tem desafios em algo específico, mas acredita ser difícil para os pais de amigos a educação sexual, o diálogo sobre drogas e álcool e a cobrança para que os filhos estudem e tirem notas altas.

O diálogo aberto sobre educação sexual e abuso de álcool e drogas foi apontado no capítulo 4 (O processo de desenvolvimento do adolescente) como algo desafiador para as famílias, mas fundamental no sentido de auxiliar os jovens a lidar com estas questões, das quais eles são mais vulneráveis.

Outro desafio, frequentemente vivenciado pelas famílias, refere-se ao entendimento e aceitação dos filhos como pessoas diferenciadas de seus pais, que fazem escolhas “afetivas, profissionais, pessoais, ideológicas” de forma única, muitas vezes contrárias daquilo que os pais tinham enquanto expectativas (ZAGURY, 2012, p. 273).

6.6 - O que é fácil e o que é difícil na convivência

“Eu acho que fácil é que a gente se dá muito bem, a gente tá sempre rindo, uma vez por dia pelo menos a gente tá rindo, a gente também chora muito junto, é uma família que une as emoções muito fácil, acho que a gente se ajuda muito também. Difícil, acho que o que eu falei de tentar entender o outro. Pra mim, assim, eu não gosto de receber bronca, não seria bronca, mas eles tentando me ensinar as coisas, só que eles já falaram isso, aí tão falando de novo, acho que eu não gosto muito disso, mas eu sei que isso vai acontecer muito ainda e só acho que eles falaram isso porque eu tô precisando prestar mais atenção nisso. Acho que com meu irmão é o mais difícil, não que ele seja o problema, mas ele tá numa fase que ele tá muito besta, então tanto pra minha mãe quanto pra mim é muito difícil tentar ter paciência com ele.”

“Acho que mais fácil é a comunicação, talvez assim, apesar do meu pai trabalhar bastante e eu falar mais com a minha mãe, também ele sempre tem essa iniciativa de mandar mensagem perguntando se está tudo bem, ou se eu tinha alguma coisa no dia ele pergunta como foi, ou quando ele chega em casa ou quando tem feriado, coisas desse tipo, a gente tenta fazer alguma coisa ou ficar em casa, mas ficar todo mundo junto e acho que a coisa mais difícil pra mim é talvez, de certa forma, eu ter uma relação boa com os colegas de trabalho dele ou de conseguir acompanhar coisas de trabalho sempre que eles pedem, assim falam vai com a gente e eu não quero.”

“Difícil lidar com que eles dizem e fazem, como agem de certa maneira, lidar com falas negativas e extremas, que no caso são ameaças, lidar com cada um. O mais difícil lidar, acho que é com as falas ameaçadoras de controle e chantagem emocional, é o que mais mexe com o emocional. E fácil seria, sei lá, dar oi”.

“Fácil é a questão da escola, porque eu não dou trabalho, não é algo que a eles precisem ficar pegando no meu pé. Acho que a questão da interação que a gente tem um com o outro é fácil, porque temos uma interação boa, pai e filho, mãe e filho. É uma interação genuína, a gente faz coisas juntos, não é algo forçado”. “Mais difícil é querer fazer algo que vá contra os princípios deles, seja religioso ou outra coisa, aí não acho que conversar vai adiantar muito”.

“O mais fácil eu acho que é estar em conjunto, em união. Quando eu era criança eu achava que se a gente fosse fazer alguma coisa, tinha que vir dos pais a ideia, mas hoje eu me sinto muito mais tranquilo de dizer: alguém quer jogar uno ou fazer alguma coisa? Ou quando a gente vai sair na rua, é mais fácil eu ser eu mesmo com eles. O mais difícil é resolver os problemas mesmo, algumas brigas fúteis, acho difícil intervir, uma vez eu fiz isso e percebi que eles são muito nervosos nas conversas, eles pensam naquilo que lhes foi ensinado pelos pais, não são muito abertos, eles vivem de crenças”.

Acredito que esta pergunta deflagra as possibilidades no convívio familiar. Aquilo que, apesar dos desafios, é possível ser feito em família e que, se aparece como difícil e não impossível, é porque existe a tentativa de fazer acontecer ou fazer diferente.

Destacou-se na percepção das dificuldades na convivência familiar:

1. a tentativa de entender o outro;
2. receber “brincas” de algo que já foi dito em outro momento, que vem acompanhado com o significado de tentativa dos pais de ensinar algo.
3. ter paciência com geração mais nova;
4. ter um tempo para ficar todos juntos;
5. acompanhar os pais em compromissos de trabalho;
6. lidar com falas ameaçadoras de controle e chantagem emocional;

Essa fala me fez lembrar do que diz Mc Goldrick e Shibusawa (2016) sobre a fase do ciclo vital de famílias com filhos adolescentes, da necessidade de rever as fronteiras, deixando-as menos rígidas e ao mesmo tempo buscando a manutenção de laços de confiança e proximidade através de diálogos.

7. ir contra os princípios dos pais, relacionados à religião ou algo semelhante.

Penso que este é também um desafio comum da adolescência, também apontado por Mc Goldrick e Shibusawa (2016), tanto para os pais quanto para os próprios adolescentes, pois receber novas influências (seja de amigos, escola, internet) e rever valores faz parte do processo de individuação, mas pode ser difícil para os pais, em especial os menos flexíveis.

8. brigas entre os pais.

Já na percepção do que é fácil na convivência, se destacou:

1. a união da família que ri e chora junto;
2. a ajuda mútua entre os membros da família;
3. a comunicação mesmo os pais trabalhando muito;
4. a interação entre mãe e filho e pai e filho;
5. conversas triviais.

6.7 - Ser adolescente hoje e o impacto sobre a família

“Nossa, muita coisa mudou né? Porque tipo, os adolescentes hoje, eu sinto que eles tão mais perdidos com as coisas do mundo, coisa que antigamente tinha, só que não tanto quanto hoje, eu acho né. Por exemplo o celular e drogas, tipo, meu pai e minha mãe tiveram celular com 20 anos, acho, uma coisa assim e tipo hoje eu tenho primos com 7 anos que tem celular e eu ganhei com 12, acho. Mas tipo, isso é fundamental hoje, necessário para a comunicação e interação entre os adolescentes, porque isso agora é normal, quem não tem celular é que é anormal, entendeu? E os adolescentes às vezes não sabem lidar com as coisas que ele tem hoje e que antigamente não tinha, tipo tem gente que se perde no mundo da internet e nas drogas também. A minha família é tranquila, tipo, eu vejo que meus pais, as vezes, brigam muito de eu ficar mexendo no celular muito, assim eu nem mexo muito, só pra conversar mesmo, no final de semana principalmente e pra fazer coisas de escola e assistir vídeo, é óbvio, mas antigamente eles eram mais rígidos, tem até o aplicativo lá que te falei acho, eu tenho até hoje, só que tipo assim, não tem horário de dormir, hora de mexer, só tá lá pra localização, acho, porque eles podem saber onde eu tô assim, e o tempo de uso, mas eles nem usam.” Sobre o aplicativo que controla o uso: “Acho que era o medo de eu ser igual aos outros adolescentes, só que ao mesmo tempo seria falta de confiança, com o aplicativo seria tentar não deixar os filhos nas coisas do mundo e sem o aplicativo pra exercer a confiança, e do tipo eles escolheram o caminho do não me perder no mundo, ah, acho que os dois estão certos, eu não sei o que eu faria, porque é muito difícil ter um filho, eu acho.”

“Eu acho que o mundo atual influencia muito e de muitas formas, principalmente o que eu mais tive dificuldade com a minha mãe e com o pai, nestas questões foi a questão de celular, tipo passar muito tempo no celular ou na TV, e que daí eles falam ah, sai um

pouco do celular, minha mãe já colocou, uns anos atrás limite de horas no celular, e eu acho que não é saudável ficar tanto no celular, mas que é difícil porque eu já nasci na era dos celulares, nessa época em que celulares já eram mais comuns e aí eu já tenho mais facilidade, com todos os outros adolescentes, e eu acho que é muito comum ouvir essa fala de minha época isso era certo, principalmente eu percebo isso na fala da minha avó, mas em outros aspectos do tipo, ah, você está muito magra precisa ficar de tal jeito pra ficar com perna grossa e coisas desse tipo, coisas da época dela que ela quer impor em mim, numa época totalmente diferente, que claro eu acho que é muito difícil de mudar a cabeça dessas pessoas ou fazer elas aceitarem de que os tempos estão mudando constantemente, mas que também você não precisa mudar o seu jeito, mas também não tente influenciar no meu. Eu não tô pedindo pra você parar de ser quem você é, mas só pra você deixar eu ser do jeito que eu sou, desse jeito diferente do que era na sua época.

Eu acho que de certa forma meus pais estavam certos de falar sobre o celular, mas que eu acho que talvez eles deveriam ter apresentado outras atividades pra eu fazer enquanto eu não tivesse com o celular, porque eu conheço brincadeiras, mas é muito difícil brincar sozinha, fazer coisas sozinha num espaço tão pequeno. Acho que talvez nestes momentos em que eles me queriam sem o celular, pra eu sair um pouco do celular, não sei, pra se oferecer pra ir fazer alguma também, de talvez não simplesmente falar ah, agora você vai ficar sem celular e se vira e aí você vê o que você faz e acabou”.

A questão das tecnologias não é algo extraordinário e aparece nestes dois discursos, porém de uma forma ainda não colocada nesta pesquisa, que é como algo fundamental e normal, sendo anormal quem faz diferente, portanto, entendo como algo natural, parte da cultura dos tempos atuais.

Ressaltou-se também neste discurso, a percepção do impasse vividos pelos pais em relação a confiar nos filhos e deixá-los livres pra usar a internet ou limitar esse uso através de aplicativos e que hoje (estando estes adolescentes com 14 anos) o uso deste aplicativo está menos rígido. Mostra que estes pais se engajam na tentativa de redefinir as fronteiras.

Destacou-se ainda a percepção de que os pais deveriam apresentar outras atividades aos filhos para que eles tenham repertório para deixar a internet. Este é um ponto em que eu levanto com os pais de crianças e adolescentes que acompanho, incentivando os pais a estarem com os filhos, em determinados momentos, sem o uso de tecnologias e que participem de ações que não envolva a tecnologia, como prática

esportiva; passeios que envolva a natureza, em parques, praças etc; jogos de tabuleiros; passeios culturais. Essas atividades além de serem repertório alternativo às tecnologias, enriquecem e aproximam as relações familiares.

Outro destaque está no relacionamento intergeracional, em que há uma percepção por parte da adolescente de que a avó quer impor questões de sua época e o entendimento de que não se pode, nem precisa mudar os outros.

Falcão (2012) aponta que, na sociedade contemporânea, com o aumento da longevidade, houve um crescimento do número de relacionamentos familiares entre pessoas de gerações e culturas diferentes e o aumento da participação ativa dos avós na vida de seus netos, que pode significar cuidado, transmissão de informações culturais e conhecimento adquirido através da experiência, mas também pode ser desafiador para os membros da família de uma forma geral.

“Acho que em diferença com outros tempos, eles não tinham tanta liberdade no sentido de expressar ou eram muito rígidos por si mesmos, no sentido de criação e, de uma certa forma, eles permaneceram com isso, por isso as comparações do eu fazia tal coisa. Por que ela ou ele não fazem? Essa rigidez impacta no fato de não entenderem tal liberdade que eu gostaria de ter, ou nós, no sentido de eu e meus irmãos, apesar de que eles dois não fazem muita questão, mas eles, na época deles, eles ficavam na deles, eles faziam o que eles queriam até certo limite, porque eles não gostariam de passar disso. Mas com a evolução de, não só coisa materiais (como eu posso explicar?), uma revolução mundial, vamos assim dizer, fez com que muitas coisas mudassem e dessem mais liberdade para pessoas adolescentes”.

A liberdade é mesmo observada como algo que os adolescentes buscavam (em outros tempos) e continuam buscando e valorizando, faz parte do processo de experimentação para a aquisição de autonomia e diferenciação. Mas a liberdade dos dias atuais está muito relacionada ao tudo ser permitido e tudo ser possível, com transformações rápidas e fluidas. Porém, muitas vezes, essa liberdade causa confusão frente a tantas possibilidades e frustração por não obter exatamente aquilo que se esperava ou por ser cerceado pelos pais de alguma forma.

“Não dá pra negar que a vida que eu tenho é mais facilitada que a que meu pai teve, por exemplo, só que isso veio de fruto do próprio esforço que meu pai teve, ou das

facilidades que você tem com o desenvolvimento da sociedade, da tecnologia, o celular, por exemplo, o que a gente tá fazendo agora. Imagina isso nos anos 80? A questão dos dias atuais ajuda, faz eu ter um comportamento diferente que eu provavelmente teria se fosse antigamente, mas eu não levo como uma coisa ruim, não. Tudo tem seus prós e contras, mas eu acho que nessa situação específica tem mais prós que contras. A tecnologia, a questão social, por exemplo facilidade atualmente de fazer faculdade, de educação e lazer”.

Nesse discurso destaco as facilidades percebidas pelo adolescente relacionada a sua vivência em comparação à adolescência de seus pais. Ele atribui essas facilidades à construção de um patrimônio financeiro conquistado pelos pais (movimento frequentemente observado historicamente, relacionado à classe média/alta ascendente dos anos 2000), pelas tecnologias e pelo maior acesso à educação e lazer, acessível para diferentes classes sociais na atualidade.

“Minha mãe é muito atual, entende que as coisas mudaram é mais adepta as mudanças atuais, meu pai é bem na minha época, não gosta de ver meus irmãos no vídeo game, tem ideias mais conservadoras, religiosa, sobre homossexualidade, por exemplo, ele sempre foi mais rígido que minha mãe. Eu acho que hoje tudo é muito mais corrido, as vezes eu não tenho tempo pra respirar, e acho que isso envolve todos aqui em casa. Eu tenho que estudar, pensar nas provas, inglês, fazer o físico também, fazer algo saudável. Meu pai trabalha demais e minha mãe também, e tudo é muito corrido e com isso é difícil equilibrar o que se tem pra fazer e ficar com a família”.

Destaco dois pontos neste trecho da conversa, o primeiro relacionado às divergentes opiniões e construções de visão de mundo entre os pais. Retomo aqui as ideias do construcionismo social, onde o conhecimento é construído nas interações, dentro de um contexto e através da linguagem. As verdades (realidades) são portanto, contextualizadas e subjetivas, o que, na vivência familiar, pode ser fonte de conflitos ou de pontos complementares.

Outro ponto de destaque a meu ver, está na expressão do adolescente de que, atualmente, tudo está muito corrido, tanto para ele quanto para os outros membros da família.

Furlan, de Lima e de Lima (2020) realizaram um estudo com 50 crianças sobre a aceleração do tempo na lógica capitalista, na contemporaneidade, e perceberam que esta sensação, presente desde a infância nos tempos atuais, está associada à crença de necessidade de ser produtivo o tempo todo e a habilidade desenvolvida por nós chamada de capacidade multitarefa. Esta capacidade nos permite realizar muitas coisas ao mesmo tempo e, como colocou o adolescente, fazer e pensar sobre muitos objetivos. Sendo cobrado das pessoas (e dos adolescentes, portanto), atualmente, investirem nelas mesmas, continuamente.

Os autores não veem esta capacidade como algo a ser valorizado, ao contrário, refletem sobre essa aceleração nos adoecer, sobre a qualidade das nossas vivências e interrelações e sobre a possibilidade de criarmos novos significados para o presente.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias vêm se transformando junto com as transformações da sociedade e o contexto contemporâneo traz diferentes desafios às famílias e, não poderia ser diferente, às famílias com filhos adolescentes.

Esta é uma fase do ciclo vital familiar que exige readaptações nas relações entre os membros da família, seja entre pais e filhos, entre irmãos e até mesmo entre o casal. Os pais são convidados a fazer revisões de regras, tentando estabelecer limites menos rígidos e ainda assim, buscando manter a proximidade com o adolescente que se desenvolve no caminho gradual de se tornar alguém único e diferenciado, com crenças, valores e ideologias próprias.

O tempo atual (com suas demandas capitalistas, com suas relações mais superficiais e efêmeras, com suas necessidades de estar e ser aceito nas “redes sociais”) se mostra desafiador para os adolescentes e para os pais que tem como tarefa o direcionamento, a proteção, o apoio e a educação de um jovem exposto a tantos riscos como foi exposto neste trabalho.

A participação dos adolescentes revelou uma multiplicidade de significados em relação às famílias que pertencem, aos sentimentos por eles experimentados nestas relações e a percepção das influências e possibilidades na família. E destacou-se família como apoio e fonte de afeto; a percepção de expectativas dos pais para com eles no sentido de direcioná-los para serem felizes e bem-sucedidos na vida e o entendimento de que

determinados aspectos da contemporaneidade influenciam suas vivências em família, tais como aqueles relacionados às tecnologias.

Considero que não é possível olhar para a adolescência como uma fase em que as relações aparecem igualmente conflituosas para diferentes famílias e adolescentes e enfatizo a necessidade de se identificar o contexto em seus detalhes para compreender estes significados, pois adolescente de uma mesma faixa etária, classe social, alguns estudantes de uma mesma escola, tem diferentes vivências familiares e diferentes percepções sobre essas relações.

REFERÊNCIAS:

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Editora: Granabara Rio de Janeiro, 1986

BOCK, Ana Mercês Bahia - **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) V. 11 N. 1 p. 63-76. Janeiro/Junho 2007.

Brasil (2020). Proteção de crianças e adolescentes na internet. Secretaria nacional dos direitos da criança e do adolescente. Secretaria nacional da família ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. Brasília – DF.

CAMILO, Laura Pelizzari – Gravidez na Adolescência *In*: DA CRUZ, Fábio Lucas – **Iniciação Científica em História: pesquisas no Ensino Médio Integrado**. 1º Ed. p. 75-85 Curitiba: Appris, 2021.

CAMPOS, Mônica Regina de Moraes e MATTA, Gustavo Corrêa. **A construção social da família: elementos para o trabalho na atenção básica**. In: MOROSINI, Márcia Valéria G. C.; CORBO, Anamaria D'Andrea (Org.). Modelos de atenção e a saúde da família. Rio de Janeiro: ESPJV/FIOCRUZ, 2007. p. 107-150. (Coleção Educação Profissional e Docência em Saúde: a formação e o trabalho do agente comunitário de saúde, 4).

CANIATO, Angela Maria Pires e DO NASCIMENTO, Méryly Luane Vargas. **Adolescência e Pós-modernidade: Considerações acerca dos processos de subjetivação no mundo atual**. Revista Científica do UniRios n.2, p. 217-241, 2020.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino e MUTTI, Regina Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem* [online]. 2006, v. 15, n. 4 [Acessado 14 Novembro 2021], pp. 679-684. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>>. Epub 12 Nov 2007. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira e BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper – Ciclo Vital da Família Brasileira. In: OSORIO, Luiz Carlos; DO VALE, Maria Elizabeth Pascual e cols. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 25-37.

DEZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, Maria Olívia - **Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar**. Gestão e Desenvolvimento Viseu. ISSN 0872-0215. n. 19 (2011), p. 139-156.

FALCÃO, Djalma Navarro. **As relações intergeracionais nas famílias contemporâneas: a evolução do pensamento da escola de pais do Brasil**. Dissertação (Título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador. Salvador - BA, 2012. 155 p.

FEFFERMANN *et al.* Contextualizando a realidade dos adolescentes e jovens no Brasil. In: VÁZQUEZ, Melina, OSPINA-ALVARADO, Maria Camila e DOMÍNGUEZ, Maria Izabel - **Juventudes e infancias en el escenario latinoamericano y caribeño actual**. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

FURLAN, Susana Angelin; DE LIMA, José Milton; DE LIMA, Márcia Regina Canhoto. **“Falta tempo, tem que correr”: o tempo na contemporaneidade e sua concepção no contexto escolar**. Educação: Teoria e Prática v. 30, n.6 Rio Claro, SP, 2020. <http://dx.doi.org/10.18675/1981>

DE FREITAS, Brenda Andrade *et al.* Fatores associados à depressão em adolescentes: Uma revisão integrativa. **Saúde Mental: Aspectos ocupacionais e psicossociais**. Belo Horizonte: Poisson, 2020. p. 17-25.

GALANO, Mônica Haydée. Família e História: a história da família *In*: CEVERNY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e...** 1 Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. P. 115-147.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Ed. 6. Rio de Janeiro: Records, 2007.

GUANAES, Carla. **A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social**. 1 Ed. São Paulo: Vetor. 2006.

HINTZ, Helena Centeno. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. Revista Pensando Famílias n.3, p. 8-19, Porto Alegre: 2001.

LASH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Imago, Rio de Janeiro, 1983. 320 p.

LIMA, Maria José – **Viver em família na contemporaneidade**. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 49, p. 88-99, agosto 2014

LINO, Michele Villaça. **A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares**. Revista IGT na Rede, v.6, nº 10, 2009, p. 2-13. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526

MACEDO, Etienne Oliveira Silva. **A clínica da Adolescência na Perspectiva da Terapia Sistêmica Individual** – Psicologia em ênfase. v. 1, n.1, p. 140-149. Agosto, 2020.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida; GRANDESSO, Marilene Aparecida. **Interpretação em pesquisa qualitativa: a construção do significado**. Anais: I CIBRAPEQ – Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa. São Paulo: Tec Art Editora Ltda, 2004. p.83 – 93.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini; BRUSCAGIN, Cláudia e FEIJÒ, Mariane Ramos. Terapia de família com filhos adolescentes: abordagem sistêmica. *In*: CASTANHO, Gisela e DIAS, Maria Luiza. **Terapia de Família com adolescentes**. 2. Ed. São Paulo: Ágora, 2019. P. 101-122.

MAIA, Ana Cláudia Bartolozzi. **Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, 52p.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **A composição da família na pós-modernidade**. Revista FMU Direito, n. 34, São Paulo, 2010. p. 1-17.

MCGOLDRICK, Monica e SHIBUSAWA, Tazuko – O ciclo Vital Familiar. *In*: WALSH, Froma. **Processos Normativos da Família Diversidade e Complexidade**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 375-398.

MORGADO, Laise Vieira; ANDRADE, Luana Clara; SANTOS, Anderson e NAREZI, Jardel – **Ciclo Vital da Família: a comunicação entre pais e filhos da fase adolescente**. III Congresso Internacional de Ciência. Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. 20 a 22 de outubro, 2014.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti de. **ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida**. Sem Aspas, v. 1, n. 1 p. 25-36, Araraquara, 2012.

PAPALIA, Diane E. e FELDMAN, Ruth Duskin – Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Adolescência *In*: **Desenvolvimento Humano** – 12. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 386 – 419.

_____ – Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência *In*: **Desenvolvimento Humano** – 12. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 422 – 449.

PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco e FÉRES-CARNEIRO, Terezinha – **Modelo de família e intervenções terapêuticas**. Intervenções, vol. VIII, N.º 16, p. 57-80. Rio de Janeiro, jul-dez, 2003.

PRATTA, Elisângela Maria Machado e SANTOS, Manoel Antonio – **Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico dos seus membros**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007

RASERA, Emerson F.; GUANAES-LORENZI, Carla. **O terapeuta como produtor de conhecimentos: contribuições da perspectiva construcionista social**. Nova Perspectiva Sistêmica, v. 30, n. 69, p.7-16. São Paulo, 2021. <https://doi.org/10.38034/nps.v30i69.617>

RESENDE, Camila Miranda de Amorim e SZAPIRO, Ana Maria – **“Pais aprendizes?” Reflexões sobre a Transmissão Intergeracional na Contemporaneidade**. Rev. Episteme Transversalis. V. 12, n. 1, p. 17-33. Volta Redonda – RJ, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALES, Synara Sepúlveda; COSTA, Talita Mendes da e GAI, Maria Julia Pegoraro – **Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental**. Research, Society and

Development. v. 10, n. 9, p. e15110917800, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.17800. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17800>. Acesso em: 24 sep. 2021.

SANTOS, Geny e SILVA, Milene. **Depressão na adolescência relacionada ao advento das mídias sociais na contemporaneidade**. RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. V. 5. N.1 p. 174 -193. Jun 2021. ISSN 2594-8806.

SILVA, Paulo Sérgio – **O papel da família no cuidado do usuário em uso abusivo de álcool e outras drogas**. Monografia (Especialista em Atenção a Usuários de Drogas no SUS) – Escola de Saúde Pública -MG. Belo Horizonte, 2019. 23 p.

SILVA, Thayse de Oliveira e SILVA, Leblam Tamar Gomes – **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. Rev. Psicopedagogia [online]. 2017, vol.34, n.103, p. 87-97. São Paulo, 2017. ISSN 0103-8486.

SILVA, Maria Isabel Felix; OLIVEIRA, Leonara Vitória Brito; PACHÚ, Clésia Oliveira. **O uso de drogas entre adolescentes: Uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e22110514778, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.14778. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14778>. Acesso em: 8 oct. 2021.

Sociedade Brasileira de Pediatria – **Abstinência sexual na adolescência: o que a ciência evidencia como método de escolha para prevenção de gravidez na adolescência**. Documento Científico. Janeiro, 2020.

<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/abstinencia-sexual-na-adolescencia-o-que-a-ciencia-evidencia-como-metodo-de-escolha-para-prevencao-de-gravidez-na-adolescencia/> (acesso em: set. de 2021).

TORRES, Anália Maria Cardoso – **Sociologia da Família: Teorias e Debates**. ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia. Lisboa, março, 2010.

VASCONCELLOS, Ana Carolina Esteves – **A Evolução do Conceito de Família na Pós-modernidade**. TCC (Graduação em Direito), UNIVEM. Marília, SP, dezembro de 2014.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. 17 Ed. Record: Rio de Janeiro, 2012.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DAPPER, Fabiana. Drogadição na Adolescência: Família como Fator de Risco ou Proteção. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 140-158, nov. 2017. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1616>. Acesso em: 22 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1616>.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar de uma entrevista semiestruturada que busca compreender a visão dos adolescentes relacionada ao ambiente familiar e suas relações com este ambiente. Este estudo tem como público alvo adolescente em idade entre 14 e 18 anos; moradoras da cidade de Jundiaí - São Paulo, classe socioeconômica média ou média alta e que estudem em escola particular.

Esta pesquisa será realizada pela psicóloga e pesquisadora ISAMARA DUARTE TAVARES BOREGAS, CRP: 06/93513, sob a orientação do Prof. Dr. JOÃO LAURENTINO DOS SANTOS, CRP: 06/50074-0 e é objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da pesquisadora. A participação do adolescente consistirá em relatar suas experiências de vida com base nas perguntas feitas pela pesquisadora, via plataforma Zoom, em um encontro de aproximadamente 40 minutos de duração. Solicito que a entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. O nome do menor será preservado e permanecerá em sigilo absoluto nos documentos escritos com base nesta entrevista.

A participação do menor é voluntária, ou seja, ele (a) tem direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido o direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização. Caso haja alguma situação de que necessite de apoio psicológico, a pesquisadora se colocará à disposição para atendê-la.

Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável.

Coloco-me à sua disposição para maiores informações ou orientação, mesmo depois da entrevista, tel.: (11) 980806555 ou pelo e-mail: isa.psicologia@yahoo.com.br

Isamara Duarte Tavares Boregas – Pesquisadora

Você está de acordo com os termos acima? *

Resposta: () sim () não

1. Nome Completo do responsável

Resposta: aberta

2. Número do RG

Resposta: aberta

3. Nome completo do adolescente

Resposta: aberta

4. Idade do adolescente

Resposta: aberta

5. Data:

Jundiaí, _____, de _____, de _____.

Anexo II

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa sobre família e adolescência. Seus pais permitiram que você participe. Busco entender a visão dos adolescentes sobre o papel e os desafios da família com filhos nesta fase (adolescência). Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm de 14 a 18 anos de idade.

Esta pesquisa será realizada pela psicóloga e pesquisadora ISAMARA DUARTE TAVARES BOREGAS, CRP: 06/93513, sob a orientação do Prof. Dr. JOÃO LAURENTINO DOS SANTOS, CRP: 06/50074-0 e é objeto da monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia Familiar e de Casal do NUFAC da PUC-SP da pesquisadora.

Sua participação consistirá em relatar suas experiências e opiniões de vida com base nas perguntas feitas pela pesquisadora, via plataforma Zoom, em um encontro de aproximadamente 40 minutos de duração. Solicito que a entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto nos documentos escritos com base nesta entrevista.

Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido o direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização. Caso haja alguma situação de que necessite de apoio psicológico, a pesquisadora se colocará à disposição para atendê-la.

Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com a pesquisadora responsável.

Coloco-me à sua disposição para maiores informações ou orientação, mesmo depois da entrevista, tel.: (11) 980806555 ou pelo e-mail: isa.psicologia@yahoo.com.br

Isamara Duarte Tavares Boregas – Pesquisadora

Você está de acordo com os termos acima?

Resposta: () sim () não

1. Nome Completo

Resposta: aberta

2. Número do RG

Resposta: aberta

3. Idade do adolescente

Resposta: aberta

4. Data:

Jundiaí , ____de _____de _____.

Anexo III

Roteiro de entrevista semi-dirigida

1. O que é família para você?
2. Como você se sente em relação a sua família?
3. O que você acredita que sua família espera de você nesta fase da vida? E como você se sente diante disso?
4. Na fase que você está vivendo, como você acha que deveria ser a postura da sua família? Como ela deveria agir com você?
5. Como costuma ser a interação entre você e sua família?
6. Como você acredita que influencia na vivência da sua família?
7. Como a sua família influencia na sua vida?
8. Quais, na sua opinião, são os maiores desafios dos seus pais relativos à sua educação?
9. O que você acha que é mais fácil e mais difícil nas relações familiares neste momento de vida que você está vivendo?
10. Após fazer um breve edital sobre a percepção da pesquisadora de que, muitas vezes, os pais comparam a adolescência de seus filhos com a que foi vivida por eles, perguntar: Como você acredita que os dias de hoje impactam na sua vida e nas suas relações familiares?